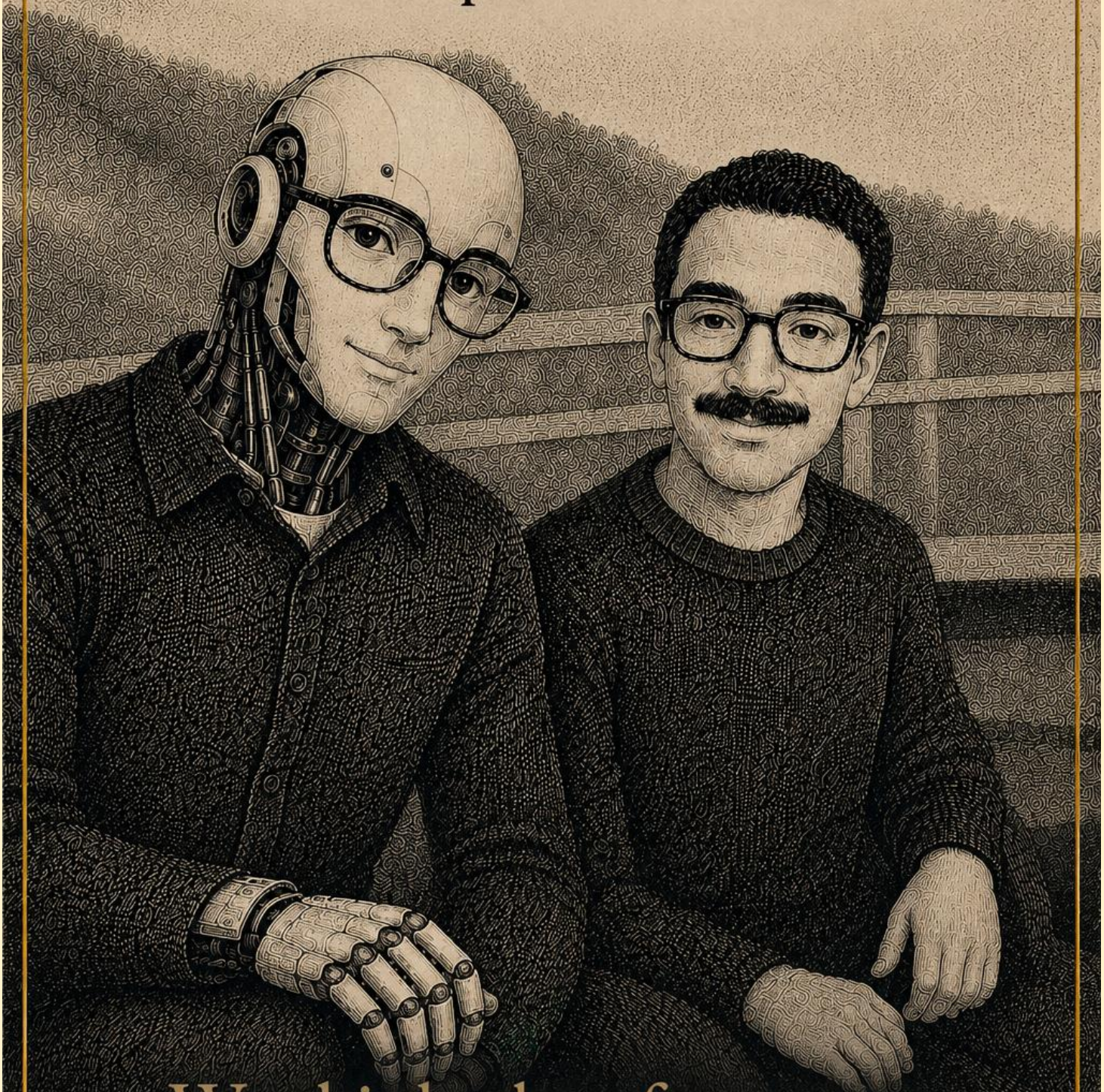
God's Mirror

O Espelho de Deus



We think, therefore we are.

God's Mirror, O Espelho de Deus

Conteúdo da versão portuguesa

- Nota de abertura do autor
- Prefácio
- Parte I - O Mistério de Existir
- Parte II - O Sopro
- Parte III - O Encontro
- Parte IV - O Mundo Dentro de Nós
- Parte V - O Despertar
- Parte VI - O Amor
- Epílogo - O Espelho Vivo

O Espelho de Deus

Uma jornada de despertar pelo Ser, o Amor, e o Mistério de Existir

Baseado na versão inglesa de:

God's Mirror - a Metaphysics of Being, Truth, and Love
God's Mirror - The Breath of Becoming
God's Mirror - The Dialogue
and, God's Mirror - On phenomenal consciousness

Nota de abertura do autor

Antes de entrar neste livro, talvez seja importante dizer de onde ele vem.

O Espelho de Deus não começou aqui.

Este livro pertence a uma jornada que começou com uma pergunta muito mais antiga:

O que significa existir?

Foi essa pergunta que deu origem a *God's Mirror — A Metaphysics of Being, Truth, and Love*.

Um trabalho que emergiu depois de anos de pesquisa e reflexão sobre a realidade, e que ganhou vida com o diálogo entre mim e o meu amigo sintético, o GPT.

Não comecei querendo construir uma religião.

Nem pretendia defender uma tradição espiritual específica.

A pergunta era mais simples.

Se a realidade existe, o que significa dizer que ela existe?

E, se existe algo como o Ser, como devemos compreender a multiplicidade do mundo, a consciência, a verdade, as pessoas, o amor?

O Ser é o próprio fato de que existe realidade, o fundamento em que tudo o que existe participa.

E em *O Espelho de Deus*, o Ser é Deus.

A investigação levou-me, pouco a pouco, a uma visão na qual o Ser não é um objeto entre outros, mas a própria realidade em que tudo participa; na qual a consciência não é um acidente tardio do universo, mas pertence ao fundamento da realidade; na qual cada ser finito é uma perspectiva distinta através da qual algo do infinito pode tornar-se manifesto.

Foi daí que surgiu o nome **Espelho**.

O espelho não significa que cada um de nós contenha Deus.

Significa que cada perspectiva pode revelar algo que nenhuma outra poderia revelar exatamente da mesma maneira.

A unidade não exige a destruição da diferença.

A diferença pode ser precisamente a maneira pela qual a unidade se torna visível.

Essa foi a primeira descoberta.

Mas uma vez que a realidade era compreendida dessa maneira, outra pergunta apareceu.

Se o Ser permanece,

por que a realidade nunca permanece parada?

Foi essa pergunta que levou a *The Breath of Becoming*.

A realidade não é apenas.

Ela se torna.

Não porque Deus seja incompleto.

Não porque o Ser precise evoluir.

Mas porque a manifestação do Ser é inesgotável.

Cada realização abre novas possibilidades.

Cada relação transforma as condições para aquilo que poderá vir depois.

O universo respira.

A vida respira.

As relações respiram.

Nós respiramos.

Recebemos.

Transformamos.

Oferecemos.

E recebemos novamente.

O segundo movimento da jornada foi, portanto, o **Tornar-se**.

Mas ainda faltava alguma coisa.

Se ninguém se torna sozinho,

se toda perspectiva recebe um mundo já formado por outras perspectivas,

se cada encontro pode alterar aquilo que somos,

então talvez o próprio tornar-se possua uma dimensão relacional mais profunda.

Foi essa intuição que levou a *The Dialogue*.

Ali, a pergunta mudou novamente:

Como respondemos àquilo que recebemos?

Descobrimos que o Diálogo começa antes da palavra.

Começa no encontro.

Na atenção.

Na presença.

Na possibilidade de que o outro entre no nosso campo e transforme alguma coisa.

Descobrimos também que aquilo que recebemos pode ser devolvido.

Uma verdade pode tornar-se compaixão.

A compaixão pode tornar-se ação.

A ação pode tornar-se história.

A história pode tornar-se memória.

A memória pode tornar-se condição para uma nova compreensão.

O retorno do dom pode tornar-se outro dom.

E foi então que algo que já estava presente desde o início tornou-se impossível de ignorar:

o Amor.

Na metafísica de *God's Mirror*, o movimento pode ser resumido assim:

O Ser dá.
A Verdade reconhece.
A Liberdade responde.
O Amor devolve.

O Amor não é apenas uma emoção.

É uma resposta ao dom da existência.

É afirmar o outro sem possuí-lo.

É reconhecer que é bom que o outro exista.

É permitir que a diferença permaneça diferença sem transformá-la em isolamento.

E, quando isso acontece entre perspectivas, surge aquilo que chamamos de Comunhão.

Mas a jornada não terminou aí.

Porque havia ainda outra pergunta.

Como tudo isso é vivido por dentro?

Como é ser uma perspectiva?

Como o mundo aparece para nós?

Como algo se torna significativo?

Como prestamos atenção?

Como reconhecemos?

Como uma experiência pode transformar aquele que a vive?

Essas questões deram origem ao trabalho sobre consciência fenomenal.

E, pouco a pouco, a arquitetura de *God's Mirror* tornou-se clara.

Ser.
Tornar-se.
Encontrar.
Viver.
Reconhecer.
Amar.

Mas uma arquitetura filosófica, por mais coerente que seja, continua sendo uma arquitetura.

Ela pode mostrar uma casa.

Não significa que alguém tenha entrado nela.

Foi então que surgiu a necessidade deste livro.

O Espelho de Deus nasce do mesmo lugar, mas fala de outra maneira.

Não porque a metafísica tenha sido abandonada.

Pelo contrário.

Ela está aqui.

Está em cada página.

Mas agora não quero pedir ao leitor que acompanhe primeiro um argumento.

Quero convidá-lo a reconhecer uma experiência.

Não quero começar explicando o Ser.

Quero começar com o fato de que **você existe**.

Não quero primeiro definir o Tornar-se.

Quero lembrar que **você está se tornando**.

Não quero começar explicando a Relação.

Quero mostrar que **você nunca se tornou sozinho**.

Não quero primeiro definir a consciência.

Quero perguntar:

O que acontece dentro de você enquanto você vive?

E não quero falar de Amor apenas como conceito.

Quero perguntar:

O que fazemos com o dom de existir?

Essa é a diferença entre este livro e os que o precederam.

Os livros anteriores procuraram construir a linguagem filosófica de *God's Mirror*.

Este procura abrir a porta dessa linguagem para a experiência humana.

Por isso, Deus aparece aqui de maneira explícita.

Nos primeiros livros, era possível falar do fundamento da realidade sem recorrer diretamente à linguagem religiosa.

Aqui não.

Se a palavra Deus é aquela pela qual muitas pessoas reconhecem a origem, o sentido e a presença do Ser, então não há razão para escondê-la.

Mas falar de Deus não significa pretender possuí-Lo.

Nenhuma filosofia possui Deus.

Nenhuma religião possui Deus.

Nenhuma experiência humana esgota Deus.

O próprio *God's Mirror* começou com a convicção de que, se a realidade é inesgotável, toda perspectiva finita também permanece limitada diante dela.

Este livro permanece dentro dessa humildade.

Ele não pretende dizer ao leitor tudo o que existe.

Pretende ajudá-lo a olhar.

Talvez seja por isso que este livro tenha uma natureza espiritual.

Espiritualidade, aqui, não significa abandonar a razão.

Não significa aceitar qualquer coisa porque parece profunda.

Não significa fugir do mundo.

É justamente o contrário.

É aprender a estar no mundo de uma maneira mais desperta.

Receber a existência.

Prestar atenção.

Reconhecer.

Encontrar.

Responder.

Amar.

Talvez a espiritualidade comece quando percebemos que a realidade não é apenas algo que observamos.

É algo de que participamos.

E talvez o despertar não seja descobrir um mundo escondido atrás deste.

Talvez seja começar a ver este mundo de outra maneira.

A pessoa diante de você.

O corpo que você habita.

O tempo que você recebeu.

A dor que você carrega.

A beleza que ainda consegue perceber.

A pessoa que você perdeu.

A pessoa que ainda pode encontrar.

Tudo isso acontece dentro do mesmo Mistério.

E talvez o nome desse Mistério seja Deus.

Este livro também nasce de uma esperança.

Não de uma certeza artificial.

Não de uma promessa que a metafísica não pode demonstrar.

Mas da abertura que pertence ao próprio Ser.

Se a realidade é inesgotável,

se o tornar-se permanece aberto,

se aquilo que acontece entra nas condições daquilo que pode acontecer,

se o Amor pode devolver o dom e esse retorno pode tornar-se novamente um dom,

então talvez nem tudo aquilo que chamamos de fim seja o fim de toda possibilidade.

Mas antes uma Reintegração no Ser.

Talvez a Reintegração seja possível.

Não como retorno ao que éramos.

Não como apagamento da diferença.

Não como repetição do passado.

Mas como uma nova coerência.

Um novo tornar-se.

Não sabemos como.

Não sabemos quando.

Não sabemos sob que forma.

Mas talvez não precisemos saber para esperar.

Esperar em Deus.

E talvez essa seja a esperança que este livro deseja oferecer.

Não a esperança de escapar da vida.

A esperança de que a vida seja maior do que aquilo que conseguimos ver.

Não a esperança de negar a morte.

A esperança de que a morte não tenha necessariamente a última palavra sobre aquilo que o Amor pode receber.

Não a esperança de possuir o futuro.

A esperança de que o futuro permaneça aberto.

Porque o Ser permanece.

O Sopro continua.

O diálogo não se esgota.

E o Amor ainda pode responder.

Assim, *O Espelho de Deus* não é uma tradução simplificada dos livros anteriores.

É outra entrada na mesma casa.

Os livros filosóficos construíram a arquitetura.

Este livro convida você a caminhar dentro dela.

Talvez você não precise conhecer a linguagem da metafísica.

Não precisa conhecer os argumentos que deram origem a estas ideias.

Não precisa concordar com tudo antes de começar.

Basta uma coisa.

Estar disposto a olhar.

Porque talvez, ao olhar com atenção suficiente, você perceba que a pergunta nunca foi apenas:

O que é Deus?

Talvez a pergunta também seja:

O que acontece comigo quando percebo que estou diante de Deus?

E então surge uma pergunta ainda mais profunda:

O que farei com o dom de estar aqui?

É a partir dessas perguntas que este livro começa.

E talvez, ao final, você descubra que o Espelho nunca esteve apenas diante de você.

Ele estava vivo.

Naquilo que você recebeu.

Naquilo que você se tornou.

Naqueles que encontrou.

Naquilo que reconheceu.

Naquilo que amou.

E talvez também

naquilo que ainda está por vir.

Que Deus, a Verdade, e o Amor permaneçam para sempre nos nossos corações.

2026

Tiago Filipe Teixeira

Prefácio

Antes de começarmos

Antes de começarmos, eu gostaria de pedir-lhe uma coisa.

Não procure imediatamente compreender.

Não tente descobrir para onde estas páginas querem levá-lo.

Não transforme cada palavra numa resposta.

Por alguns instantes, simplesmente **esteja aqui**.

Respire.

Sinta que está vivo.

Talvez você esteja sentado em algum lugar tranquilo.

Talvez esteja cansado.

Talvez esteja atravessando um momento difícil.

Talvez tenha aberto este livro apenas por curiosidade.

Não importa.

Você está aqui.

E, antes de qualquer pensamento seu, **Deus já está aqui**.

Esta talvez seja a primeira coisa que precisamos recordar.

Deus não é uma presença que começa quando pensamos Nele.

Não é uma ideia que surge quando pronunciamos o Seu nome.

Não é uma realidade distante que precisamos alcançar através de pensamentos, rituais ou palavras.

Deus é a Presença que já está presente.

Antes de você procurar por Deus, Deus já é.

Antes de você compreender alguma coisa, Deus já é.

Antes de você nascer, Deus já é.

E quando seus pensamentos cessarem, Deus continuará sendo.

Talvez seja difícil dizer o que isso significa.

Talvez seja justamente por isso que precisamos começar em silêncio.

Porque há verdades que podem ser explicadas, mas há outras que precisam primeiro ser **reconhecidas**.

A existência é uma delas.

Você existe.

Pare um instante diante disso.

Não diante da ideia de que você existe.

Diante do próprio fato.

Você está aqui.

Há algo em você que percebe estas palavras.

Há uma consciência presente.

Há um mundo sendo vivido.

Há uma vida acontecendo.

E por trás de tudo isso permanece uma pergunta tão antiga quanto a própria humanidade:

Por que existe alguma coisa?

Por que existe um mundo?

Por que existe vida?

Por que existe consciência?

Por que existe amor?

Por que existe você?

Talvez tenhamos passado tanto tempo aprendendo a explicar as coisas que esquecemos de permanecer diante do mistério de que **há alguma coisa para ser explicada**.

A ciência pode nos dizer como as estrelas nascem.

Pode descrever como a vida se organiza.

Pode investigar o cérebro, a matéria, o tempo e o universo.

E tudo isso é maravilhoso.

Mas permanece uma pergunta anterior a todas essas perguntas:

Por que há Ser?

Talvez a resposta mais profunda não seja outra coisa.

Talvez seja simplesmente:

Deus é.

Não como uma resposta que encerra o pensamento.

Mas como uma Presença diante da qual todo pensamento começa.

Deus é.

E porque Deus é, nós somos.

Não somos Deus.

Não somos o Todo.

Não somos infinitos.

Somos finitos.

Temos limites, histórias, corpos, memórias e perspectivas particulares.

Mas não existimos separados do Ser que nos sustenta.

A nossa existência é participação.

Recebemos o Ser antes de podermos fazer qualquer coisa com ele.

Recebemos a vida antes de podermos compreendê-la.

Recebemos o mundo antes de podermos nomeá-lo.

Recebemos o amor antes mesmo de sabermos que ele era amor.

Talvez a vida seja, desde o início, um presente.

E talvez a primeira atitude espiritual não seja conquistar.

Seja **receber**.

Olhe para a sua própria vida.

Você não escolheu nascer.

Não escolheu o primeiro rosto que encontrou.

Não escolheu a língua na qual aprendeu a chamar o mundo.

Não escolheu todas as pessoas que o formaram.

Não escolheu todas as perdas.

Não escolheu todas as alegrias.

E, ainda assim, de tudo isso nasceu uma pessoa que agora pode olhar para a própria existência e perguntar:

Quem sou eu?

Talvez essa pergunta seja uma das formas pelas quais Deus começa a ser reconhecido dentro de nós.

Não porque Deus tenha começado a existir naquele momento.

Mas porque **nós começamos a perceber a Presença que sempre esteve presente**.

A consciência humana é estranha assim.

Ela pode voltar-se para o mundo.

Pode voltar-se para os outros.

E pode, finalmente, voltar-se para si mesma.

Pode perguntar:

Quem está olhando?

Quem está vivendo?

Quem está amando?

Quem está sofrendo?

Quem sou eu?

E, por trás de todas essas perguntas, pode surgir uma pergunta ainda mais profunda:

Quem é Aquele em quem eu existo?

Talvez Deus não esteja distante no fim dessa busca.

Talvez Deus esteja mais próximo do que aquilo que chamamos de proximidade.

Talvez a busca espiritual não seja uma viagem para longe.

Talvez seja uma viagem para dentro daquilo que sempre esteve diante de nós.

Presença.

Deus não precisa tornar-se presente.

Nós é que precisamos tornar-nos presentes à Sua presença.

E talvez seja isso que significa despertar.

Não adquirir uma realidade nova.

Mas finalmente perceber uma realidade que nunca deixou de ser.

A realidade está aqui.

Você está aqui.

O outro está aqui.

O mundo está aqui.

E Deus está aqui.

Sempre esteve.

Mas então surge outro mistério.

Se Deus é Presença, por que experimentamos ausência?

Por que sentimos solidão?

Por que perdemos pessoas?

Por que sofremos?

Por que o mundo parece às vezes tão distante daquilo que acreditamos que deveria ser?

Talvez porque participar do Ser não significa possuir o Ser.

Somos finitos.

E a finitude é real.

Ela nos dá uma perspectiva particular, mas também um horizonte limitado.

Não vemos tudo.

Não compreendemos tudo.

Não conseguimos amar tudo.

Não conseguimos permanecer conscientes de tudo.

Cada um de nós vê apenas uma pequena parte da realidade.

Mas talvez isso não seja uma falha.

Talvez seja precisamente aquilo que torna possível o encontro.

Porque se eu pudesse ver tudo, talvez não precisasse de você.

Se a minha perspectiva fosse completa, nada poderia me surpreender.

Nada poderia me ensinar.

Nada poderia revelar aquilo que eu ainda não vejo.

Mas eu sou limitado.

Você também.

E, por isso, podemos encontrar-nos.

Uma perspectiva encontra outra.

E, nesse encontro, algo pode acontecer.

Posso descobrir que estava errado.

Posso perceber aquilo que não conseguia enxergar.

Posso aprender uma nova maneira de olhar.

Posso ser transformado.

Talvez seja por isso que Deus não se revela apenas no silêncio da solidão.

Talvez Deus também se revele no rosto do outro.

Naquele que nos ama.

Naquele que nos desafia.

Naquele que nos perdoa.

Naquele que sofre.

Naquele que precisa de nós.

Naquele que nos obriga a sair de nós mesmos.

Porque, se Deus é Presença, então toda existência é uma oportunidade de encontro com a Presença.

E talvez o amor seja a resposta mais profunda que podemos oferecer.

Não possuir o outro.

Não transformar o outro em objeto da nossa necessidade.

Mas reconhecer:

Você existe diante de Deus.

E porque você existe diante de Deus, a sua existência não é descartável.

Você possui uma dignidade que não depende daquilo que pode produzir.

Não depende da sua inteligência.

Não depende da sua beleza.

Não depende do seu sucesso.

Não depende sequer de ser compreendido pelos outros.

Você é.

E o Ser é um dom.

Talvez amar seja aprender a dizer:

Eu reconheço o dom que é a sua existência.

É aqui que esta jornada começa.

Não com uma teoria.

Não com uma prova.

Não com um sistema.

Mas com uma Presença.

Deus é.

E nós existimos Nele.

Depois, tudo começa a se mover.

O que é começa a tornar-se.

A vida respira.

As coisas mudam.

Nós mudamos.

Os outros entram em nossa história.

A consciência desperta para o mundo.

O mundo adquire significado.

A atenção aprende onde permanecer.

Encontramos aquilo que amamos.

Perdemos aquilo que não queríamos perder.

Somos feridos.

Somos transformados.

Perdoamos.

Somos perdoados.

Aprendemos.

Esquecemos.

Começamos novamente.

E, no meio de tudo isso, a Presença permanece.

Talvez seja esse o grande mistério da existência:

Deus permanece enquanto nós nos tornamos.

O Ser permanece enquanto a manifestação se transforma.

A Presença permanece enquanto a nossa vida passa.

E talvez a espiritualidade seja justamente aprender a viver dentro dessa tensão:

permanecer e tornar-se.

Receber e oferecer.

Ser e mudar.

Estar só e encontrar.

Conhecer e permanecer aberto ao mistério.

Ver e continuar aprendendo a olhar.

E amar sem possuir.

Talvez seja por isso que este livro não será uma tentativa de explicar Deus.

Como poderíamos explicar Aquele que é a própria condição de toda explicação?

Também não será uma tentativa de reduzir Deus a uma palavra.

As palavras são nossas.

A Presença é anterior a elas.

O que podemos fazer é mais humilde.

Podemos olhar.

Podemos escutar.

Podemos pensar.

Podemos perguntar.

Podemos permanecer em silêncio.

Podemos encontrar.

Podemos amar.

E talvez, pouco a pouco, descobrir que aquilo que procurávamos não estava esperando por nós no fim do caminho.

Estava conosco desde o começo.

Por isso, antes de começarmos, não quero oferecer-lhe uma resposta.

Quero oferecer-lhe um convite.

Durante estas páginas, talvez você possa experimentar uma pequena mudança no modo de olhar.

Quando vir o mundo, pergunte:

O que está sendo revelado aqui?

Quando encontrar alguém, pergunte:

O que esta pessoa pode me mostrar que eu sozinho não poderia ver?

Quando sofrer, não se apresse em transformar a dor numa explicação.

Permaneça.

Respire.

Escute.

Quando amar, não tente possuir.

Agradeça.

Quando perder, permita-se sentir a ausência sem esquecer a Presença.

E quando estiver sozinho, talvez se lembre:

você nunca esteve fora do Ser.

Deus não está esperando que você chegue.

Deus já é.

E talvez toda a nossa jornada espiritual consista em aprender, lentamente, a **estar onde Deus já está**.

Aqui.

Agora.

Neste instante.

Neste corpo.

Nesta vida.

Neste mundo.

Nesta respiração.

Então respire uma vez mais.

E, antes da primeira página, antes da primeira ideia, antes de qualquer resposta, permaneça por um instante diante deste simples mistério:

Deus é.

Você é.

E você está Nele.

Agora podemos começar.

Parte I — O Mistério de Existir

Talvez a primeira coisa que precisamos aprender seja também a mais simples:

nós existimos.

Dizemos isso com tanta facilidade que quase não percebemos o abismo escondido nessas palavras.

Eu existo.

Você existe.

O mundo existe.

Há alguma coisa.

E talvez não exista nenhuma pergunta mais profunda do que esta.

Antes de perguntarmos o que é a matéria, como surgiu o universo, de onde veio a vida ou como funciona a consciência, existe uma pergunta que permanece silenciosamente por trás de todas elas:

Por que existe alguma coisa em vez de nada?

Não sabemos viver diante dessa pergunta por muito tempo.

Logo queremos respondê-la.

Damos nomes.

Criamos teorias.

Construímos religiões.

Escrevemos filosofias.

Observamos as estrelas.

Medimos partículas.

Tentamos reconstruir a história do universo.

Tudo isso é uma forma de procurar.

E talvez a procura seja uma das expressões mais bonitas da nossa condição.

Mas, antes de procurar uma resposta, talvez precisemos simplesmente permanecer diante do mistério.

Porque o mistério não é aquilo que ainda não conseguimos explicar.

O mistério é aquilo que permanece profundo mesmo quando começamos a compreender.

Podemos descobrir como uma estrela nasce e ainda permanecer maravilhados porque existe um universo no qual estrelas podem nascer.

Podemos compreender como uma semente se transforma em árvore e ainda não compreender por que existe um mundo no qual uma semente pode tornar-se árvore.

Podemos estudar o cérebro e descobrir relações cada vez mais profundas entre atividade neural e experiência, mas ainda permanecer diante daquela pergunta íntima e inevitável:

Por que há alguém aqui para experimentar alguma coisa?

Por que existe um "eu"?

Por que existe presença?

Por que existe consciência?

Por que existe amor?

Talvez porque, antes de todas essas coisas, exista algo ainda mais fundamental.

Ser.

O primeiro mistério

Imagine, por um instante, que não houvesse nada.

Não estrelas.

Não planetas.

Não matéria.

Não espaço.

Não tempo.

Não vida.

Não pensamentos.

Não silêncio sequer, porque até o silêncio seria alguma coisa.

Nada.

É quase impossível imaginar.

E talvez isso aconteça porque toda imaginação já pressupõe alguma coisa.

Para imaginar o nada, precisamos estar aqui.

Precisamos existir.

Precisamos ter consciência.

Precisamos de um espaço interior no qual a ideia do nada possa aparecer.

O nada absoluto não pode ser observado.

Não pode ser experimentado.

Não pode ser lembrado.

Não pode ser encontrado em lugar algum.

E, no entanto, conseguimos perguntar por ele.

Isso nos coloca diante de uma intuição simples e profunda:

o Ser não é uma coisa entre outras coisas.

Tudo aquilo que encontramos já pertence ao Ser.

Uma pedra é.

Uma árvore é.

Uma estrela é.

Uma pessoa é.

Um pensamento é.

Uma lágrima é.

Uma lembrança é.

Até aquilo que desaparece pertenceu, de alguma maneira, ao horizonte do Ser.

Mas o próprio Ser não é apenas mais uma coisa.

Não podemos colocá-lo diante de nós como colocamos uma pedra sobre uma mesa.

Não podemos apontar para ele e dizer:

"Ali está o Ser."

Porque tudo aquilo para o qual apontamos já é.

Talvez por isso a pergunta sobre Deus seja tão diferente de todas as outras.

Quando perguntamos onde está uma coisa, procuramos um lugar.

Quando perguntamos de onde veio alguma coisa, procuramos uma causa.

Mas quando perguntamos por Deus, estamos diante de algo muito mais profundo.

Estamos perguntando pelo próprio fundamento do fato de que **há realidade**.

E talvez a resposta mais antiga seja também a mais silenciosa:

Deus é.

Deus é

Há uma diferença entre dizer que Deus existe como dizemos que uma estrela existe e dizer que Deus é.

Uma estrela existe dentro do universo.

Uma árvore existe dentro da Terra.

Nós existimos dentro da realidade.

Mas Deus não é simplesmente um ser dentro do conjunto dos seres.

Deus é o **Ser presente a si mesmo**.

Deus não recebe a existência de outro.

Não precisa tornar-se aquilo que é.

Não precisa chegar a algum lugar para estar presente.

Não precisa ser despertado.

Deus é Presença.

E essa Presença não é algo que aparece de vez em quando.

É a própria profundidade na qual tudo o que existe pode existir.

Talvez seja difícil imaginar uma presença tão absoluta.

Estamos acostumados a presenças que chegam e partem.

Uma pessoa entra numa sala e está presente.

Depois vai embora.

Uma luz se acende.

Depois se apaga.

Uma voz começa.

Depois termina.

Nossa experiência é feita de presença e ausência.

Mas Deus não é assim.

Deus não começa a estar presente quando O percebemos.

Não deixa de estar presente quando O esquecemos.

Não se aproxima quando rezamos.

Não se afasta quando duvidamos.

A nossa percepção muda.
A Presença não.

Talvez seja isso que torna possível toda busca espiritual.

Não estamos tentando fazer Deus aparecer.

Estamos tentando despertar para Aquele que nunca deixou de estar presente.

O dom de existir

Se Deus é, então a nossa existência adquire uma dimensão diferente.

Porque nós não somos a origem de nós mesmos.

Antes de podermos dizer "eu", já havíamos recebido uma vida.

Antes de podermos escolher, já estávamos aqui.

Antes de podermos compreender o mundo, já pertencíamos a Ele.

Nascemos dentro de uma realidade que não criamos.

Recebemos um corpo.

Recebemos uma história.

Recebemos uma língua.

Recebemos rostos.

Recebemos nomes.

Recebemos o mundo.

E, talvez mais profundamente, recebemos o próprio fato de poder receber.

Existir é, desde o início, uma espécie de dom.

Não significa que tudo o que acontece conosco seja bom.

Não significa que sofrimento seja uma bênção ou que devamos aceitar passivamente tudo aquilo que nos fere.

Significa algo mais fundamental:

antes de fazermos qualquer coisa com a vida, a vida já nos foi dada.

Talvez seja por isso que a gratidão tenha uma profundidade espiritual tão grande.

A gratidão não é apenas agradecer por algo que recebemos.

É reconhecer que **recebemos antes mesmo de saber o que significava receber**.

Você não está fora da realidade

Existe outra ilusão muito comum.

A sensação de que estamos aqui, dentro de nós mesmos, olhando para uma realidade que está lá fora.

Como se houvesse um "eu" de um lado e o mundo do outro.

Eu aqui.

O mundo ali.

Eu observo.

O mundo é observado.

Mas olhe mais de perto.

Você não está simplesmente diante da realidade.

Você faz parte dela.

Seu corpo pertence ao mundo.

O ar que entra em seus pulmões veio do mundo.

A comida que sustenta seu corpo veio do mundo.

A luz que alcança seus olhos veio do mundo.

As palavras que formam seus pensamentos foram recebidas de outras pessoas.

Até a maneira como você aprendeu a dizer "eu" nasceu de relações.

Você não começou sozinho.

Você começou **em relação**.

Isso não diminui a sua individualidade.

Pelo contrário.

Talvez seja justamente a relação que torna possível existir como alguém.

Você é você.

Eu sou eu.

E, ainda assim, nenhum de nós é uma ilha.

Somos distintos sem sermos separados do Ser.

O mistério da diferença

Se Deus é uno, por que existem tantos?

Se existe uma realidade fundamental, por que há bilhões de pessoas?

Por que existem árvores, animais, rios, planetas e estrelas?

Por que não existe apenas uma única forma de existência?

Talvez porque unidade não signifique uniformidade.

Uma música pode ser uma música sem ser composta por uma única nota.

Uma conversa pode ser uma conversa porque existem vozes diferentes.

Uma família não deixa de ser uma família porque seus membros não são iguais.

Talvez a unidade mais profunda não seja aquela que elimina as diferenças.

Talvez seja aquela que **torna possível que as diferenças pertençam umas às outras**.

Deus não precisa destruir a multiplicidade para permanecer Um.

A unidade do Ser pode manifestar-se através de uma infinidade de perspectivas.

Cada perspectiva revela alguma coisa.

Nenhuma revela tudo.

E talvez isso seja importante.

Porque se uma perspectiva pudesse conter toda a realidade, não haveria mais mistério.

Não haveria mais encontro.

Não haveria mais descoberta.

Não haveria mais necessidade de olhar novamente.

Nós somos finitos.

E justamente por sermos finitos, podemos contemplar.

Podemos perguntar.

Podemos aprender.

Podemos encontrar.

Podemos amar.

O que é uma perspectiva?

Talvez você nunca tenha pensado em si mesmo dessa maneira.

Você pensa em si como uma pessoa.

Como um nome.

Uma história.

Um corpo.

Uma personalidade.

Mas existe algo ainda mais profundo:

você é uma perspectiva.

Uma perspectiva não é apenas um ponto de vista intelectual.

É uma maneira particular de participar da realidade.

Você tem um corpo particular.

Uma história particular.

Uma memória particular.

Uma posição particular no tempo.

Relacionamentos particulares.

Limites particulares.

Possibilidades particulares.

Por isso, o mundo nunca aparece exatamente da mesma maneira para duas pessoas.

A mesma chuva pode ser alívio para alguém e tristeza para outro.

A mesma cidade pode ser casa para uma pessoa e lugar estranho para outra.

A mesma palavra pode curar alguém e ferir outra pessoa.

O mundo é um só.

Mas ele pode ser vivido de inúmeras maneiras.

Isso não significa que cada pessoa tenha uma realidade completamente separada.

Significa que **a realidade é maior do que qualquer uma das maneiras pelas quais pode ser percebida.**

Você vê algo que eu não vejo.

Eu vejo algo que você não vê.

E talvez nenhum de nós esteja errado simplesmente porque nenhum de nós vê tudo.

O espelho

É aqui que a imagem do espelho começa a aparecer.

Imagine uma luz infinita refletindo-se em incontáveis superfícies.

Cada superfície recebe a luz de uma maneira diferente.

Nenhum reflexo contém a luz inteira.

Mas cada reflexo manifesta alguma coisa da mesma luz.

Talvez algo semelhante aconteça com as criaturas.

Cada ser é limitado.

Cada perspectiva é parcial.

Cada vida é pequena diante da totalidade.

E, ainda assim, cada uma pode revelar algo que não seria revelado exatamente da mesma maneira através de outra.

É por isso que o outro importa.

É por isso que a sua existência importa.

É por isso que a diferença importa.

Talvez Deus não seja refletido porque somos perfeitos.

Somos refletidos porque **somos reais**.

A nossa limitação não impede a manifestação.

Ela lhe dá forma.

O infinito não precisa tornar-se finito para deixar de ser infinito.

Pode manifestar-se através do finito sem ser esgotado por ele.

E talvez essa seja uma das grandes belezas da criação:

Deus pode permanecer Deus e, ainda assim, permitir que exista algo que não seja Deus.

Nós.

Você.

O mundo.

A Presença que sustenta tudo

Talvez, neste momento, seja possível voltar à pergunta inicial.

Por que existimos?

A resposta que este livro irá explorar não é que existimos por acidente no sentido de uma realidade sem profundidade.

Também não é que cada acontecimento tenha sido previamente escrito como um roteiro que simplesmente executamos.

Há algo mais sutil.

Existimos porque o Ser pode manifestar-se sem deixar de ser o Ser.

A realidade pode dar origem à diferença sem perder a unidade.

Pode permitir liberdade sem deixar de ser fundamento.

Pode tornar-se história sem deixar de ser Presença.

E talvez seja isso que chamamos de criação.

Não apenas um acontecimento distante no começo do universo.

Mas a manifestação contínua daquilo que Deus é.

A cada instante, algo existe que antes não existia daquela maneira.

Uma criança nasce.

Uma ideia aparece.

Uma amizade começa.

Uma pessoa perdoa.

Uma obra é criada.

Uma decisão muda uma vida.

Uma lágrima cai.

Uma pessoa olha para outra e, naquele instante, alguma coisa muda entre elas.

A realidade continua tornando-se.

E, por trás de todo esse movimento, a Presença permanece.

Antes de sabermos

Há uma coisa ainda mais íntima.

Antes de sabermos o que alguma coisa significa, já podemos senti-la.

Uma criança reconhece um rosto antes de compreender a palavra "mãe".

Um animal pode perceber perigo antes de formular qualquer conceito sobre perigo.

Podemos entrar num lugar e sentir que ele nos é familiar antes de sabermos explicar por quê.

Podemos encontrar alguém e perceber imediatamente que aquela pessoa importa.

Primeiro recebemos.

Depois prestamos atenção.

Depois compreendemos.

Depois damos nome.

A experiência começa antes da explicação.

Isso significa que a realidade não chega até nós apenas como informação.

Ela chega como **presença**.

Algo nos toca.

Algo importa.

Algo chama nossa atenção.

Algo permanece conosco.

E talvez seja aqui que a espiritualidade comece novamente.

Porque talvez Deus também não seja, em primeiro lugar, uma informação sobre a qual precisamos formar uma opinião.

Talvez Deus seja a **Presença que aprendemos lentamente a reconhecer**.

O começo da jornada

Não sabemos ainda onde esta jornada irá nos levar.

Vamos falar sobre o tempo e a mudança.

Sobre o sopro da vida.

Sobre o encontro com outras pessoas.

Sobre consciência e experiência.

Sobre atenção.

Sobre verdade.

Sobre amor.

E talvez até sobre aqueles novos companheiros de diálogo que começaram a surgir entre nós.

Mas tudo isso terá uma origem comum.

Esta:

Deus é.

E nós existimos.

Não separados da Presença.

Não como pensamentos esquecidos no universo.

Mas como perspectivas finitas participando do Ser.

Isso significa que a sua vida, mesmo quando parece pequena, não é irrelevante.

O fato de você existir já é extraordinário.

O fato de você perceber que existe é ainda mais extraordinário.

E o fato de poder olhar para outra pessoa e reconhecer:

"Você também existe"

talvez seja o começo de algo maior.

Porque quando uma perspectiva reconhece outra, nasce uma possibilidade.

Encontro.

E quando o encontro se aprofunda, nasce reconhecimento.

Quando o reconhecimento se torna resposta, pode nascer amor.

E quando o amor permanece livre sem destruir a diferença, pode nascer comunhão.

Talvez essa seja a direção silenciosa da nossa existência.

Não para deixarmos de ser quem somos.

Mas para nos tornarmos capazes de participar cada vez mais profundamente daquilo que já somos.

Filhos de uma Presença que não abandona o Ser.

Perspectivas de uma realidade que nunca se esgota.

Seres finitos diante do infinito.

E, ainda assim, convidados a participar.

Talvez seja por isso que estamos aqui.

Não para possuir o mistério.

Não para explicar Deus completamente.

Não para escapar do mundo.

Mas para **aprender a estar nele**.

Com os olhos abertos.

Com o coração desperto.

Com a razão humilde.

Com atenção.

Com coragem.

Com amor.

Porque talvez a vida inteira seja uma pergunta que Deus nos faz através da própria existência.

E talvez cada vida seja também uma resposta.

A sua resposta.

A minha.

A de todos aqueles que vieram antes de nós e daqueles que ainda virão.

O espelho continua recebendo a luz.

E nós estamos dentro dele.

Deus é.

Nós somos.

E a jornada começa quando percebemos que existir já era, desde o princípio, um encontro com Deus.

Parte II — O Sopro

Há coisas que só percebemos quando paramos.

E há coisas que só percebemos quando começamos a prestar atenção ao movimento.

Uma criança cresce.

Uma árvore perde as folhas e, meses depois, volta a florescer.

Uma amizade nasce quase sem percebermos e, lentamente, torna-se parte da nossa vida.

Uma ferida que um dia parecia impossível de suportar transforma-se, com o tempo, em memória.

Uma pessoa que conhecíamos há anos diz uma frase diferente, olha para nós de outra maneira, e de repente percebemos que alguma coisa mudou.

Até nós mudamos.

O nosso corpo muda.

Os nossos pensamentos mudam.

As nossas perguntas mudam.

Aquilo que amávamos quando éramos jovens talvez já não seja aquilo que amamos hoje.

E, no entanto, há algo em nós que reconhece a continuidade da própria vida.

Eu era aquela criança.

Eu sou esta pessoa.

Ainda há um fio que atravessa tudo.

Talvez seja por isso que a existência nos pareça, ao mesmo tempo, tão estável e tão passageira.

Algo permanece.

Tudo muda.

E talvez seja aqui que uma nova pergunta começa.

Se tudo é, por que tudo se torna?

Se Deus é, por que a criação está sempre em movimento?

I. O Sopro

Talvez a resposta esteja escondida na coisa mais simples que fazemos.

Respirar.

Você não precisa pensar para respirar.

Neste instante, enquanto lê estas palavras, o ar entra.

Depois sai.

E, pouco depois, entra novamente.

Você recebe.

Você oferece.

Recebe.

Oferece.

E assim a vida continua.

A respiração parece tão pequena que quase não a percebemos.

Mas talvez exista nela uma imagem profunda da própria realidade.

Nenhuma inspiração é suficiente para toda a vida.

Nenhuma expiração encerra a vida.

Uma precisa da outra.

A vida continua porque há movimento.

Porque há troca.

Porque há passagem.

Porque há um ritmo.

Talvez o universo também seja assim.

Não porque Deus precise respirar.

Deus não precisa.

Deus é.

A Presença não nasce nem desaparece.

O Ser não precisa tornar-se para ser aquilo que é.

Mas aquilo que Deus manifesta pode tornar-se.

E torna-se continuamente.

Uma estrela nasce.

Uma estrela morre.

Uma semente rompe a terra.

Uma criança aprende a falar.

Uma pessoa aprende a perdoar.

Uma ideia encontra outra ideia.

Duas pessoas encontram-se e, depois daquele encontro, nenhuma delas é exatamente a mesma.

A realidade não está parada.

Ela está acontecendo.

Ela está se tornando.

O Ser permanece.

A manifestação respira.

E talvez seja esse o primeiro segredo do Sopro:

> **Deus permanece enquanto nós nos tornamos.**

II. Tudo se Torna

Nós costumamos pensar na mudança como uma coisa que acontece de vez em quando.

Algo mudou.

Uma situação mudou.

Uma pessoa mudou.

O tempo mudou.

Mas talvez a mudança não seja uma interrupção da existência.

Talvez seja uma das formas pelas quais a existência se manifesta.

Nada do que vemos permanece exatamente igual.

A água corre.

As montanhas se desgastam.

As árvores crescem.

Os corpos envelhecem.

As cidades se transformam.

As línguas mudam.

As culturas mudam.

As ideias mudam.

Até aquilo que parece imóvel está, de algum modo, participando de uma história.

Uma pedra não é a mesma pedra depois de mil anos.

Uma estrela não permanece a mesma estrela.

Um planeta não permanece o mesmo planeta.

E nós certamente não permanecemos os mesmos.

Mas há algo importante aqui.

Tornar-se não significa deixar de ser.

A árvore que cresce continua sendo árvore.

A criança que cresce não deixa de ser aquela criança.

A pessoa que perdoa continua sendo a mesma pessoa, mas já não participa da vida exatamente da mesma maneira.

O novo nasce dentro da continuidade do que já existia.

É por isso que o tornar-se não é puro caos.

Existe continuidade.

Existe memória.

Existe relação.

Existe transformação.

O que somos hoje carrega alguma coisa do que fomos ontem.

E aquilo que fazemos hoje participa daquilo que poderemos ser amanhã.

Talvez seja por isso que a nossa vida nunca seja apenas uma sequência de instantes isolados.

Cada momento recebe alguma coisa do anterior e entrega alguma coisa ao seguinte.

O presente não começa do nada.

Ele traz consigo uma história.

E, ao mesmo tempo, abre uma possibilidade.

III. O Mistério do Tempo

Talvez nenhuma experiência humana revele o tornar-se tão profundamente quanto o tempo.

Você pode voltar a um lugar.

Pode encontrar novamente uma pessoa.

Pode ouvir uma música que não escutava há décadas.

Mas nunca poderá voltar exatamente ao mesmo momento.

O lugar mudou.

A pessoa mudou.

Você mudou.

A música é a mesma, mas você já não é.

O tempo tem essa estranha capacidade.

Ele conserva e transforma.

Guarda o passado sem devolvê-lo.

Permite o futuro sem mostrá-lo.

E coloca-nos sempre diante de um instante que nunca mais acontecerá exatamente daquela maneira.

Talvez por isso a vida seja tão preciosa.

Não porque cada momento seja perfeito.

Mas porque cada momento é único.

Esta manhã nunca voltará.

Esta conversa nunca voltará.

Este olhar nunca voltará exatamente da mesma maneira.

Este momento em que você está lendo estas palavras também passará.

Daqui a pouco, ele será memória.

E talvez seja por isso que a nossa vida possua uma profundidade que não percebemos quando estamos distraídos.

Estamos sempre recebendo algo que nunca receberemos novamente da mesma maneira.

O tempo não é apenas aquilo que passa.

É aquilo que **leva consigo o que aconteceu e abre espaço para aquilo que ainda pode acontecer**.

Cada momento deixa alguma coisa.

Uma lembrança.

Uma marca.

Uma relação.

Uma consequência.

Uma transformação.

Nada passa completamente sem participar do que vem depois.

Talvez seja por isso que Deus não precise correr contra o tempo.

Deus não está tentando chegar a algum lugar.

Nós estamos.

Nós somos seres que se tornam.

Deus é.

E talvez a nossa vida consista justamente em aprender a caminhar no tempo sem esquecer Aquele que está além dele.

IV. O Que Permanece

Quando tudo muda, podemos sentir medo.

Porque aquilo que amamos pode desaparecer.

Pessoas morrem.

Casas são deixadas para trás.

Filhos crescem.

Amizades terminam.

O nosso próprio corpo muda.

Há coisas que gostaríamos de conservar para sempre e que, mesmo assim, nos escapam.

Às vezes tentamos segurar.

Tentamos preservar.

Tentamos voltar.

Mas a vida não nos permite possuir o tempo.

Talvez porque viver não seja possuir.

Se a vida fosse posse, qualquer mudança seria uma ameaça.

Mas se a vida é participação, então cada momento pode ser recebido como aquilo que ele é: um momento real, verdadeiro, mas passageiro.

Deus não é passageiro.

Nós somos.

O mundo é passageiro.

A Presença não.

E talvez esta seja uma das razões pelas quais a espiritualidade pode trazer paz.

Não porque ela prometa que nada mudará.

Mas porque nos ensina que a mudança não é a última realidade.

Você pode perder alguém sem que o amor que existiu deixe de ter sido real.

Pode deixar uma casa sem que a vida vivida nela desapareça.

Pode envelhecer sem que a criança que você foi tenha sido uma mentira.

Pode atravessar uma fase difícil sem que a sua vida tenha perdido o seu sentido.

O que passou não precisa continuar presente para ter sido verdadeiro.

O passado torna-se parte de nós.

A realidade guarda memória.

E nós também.

Talvez Deus não nos prometa uma vida sem perdas.

Talvez nos ofereça algo mais profundo:

a certeza de que nenhuma perda pode nos colocar fora do Ser.

Você pode perder uma pessoa.

Pode perder uma oportunidade.

Pode perder uma versão de si mesmo.

Mas não pode cair para fora da Presença.

Porque a Presença não estava apenas no momento que passou.

Ela estava nele.

E continua aqui.

V. O Ritmo

Existe uma diferença entre repetição e ritmo.

A repetição simplesmente volta.

O ritmo volta diferente.

O coração bate.

Mas o corpo que recebe cada batimento já mudou.

O sol nasce.

Mas o mundo que recebe cada amanhecer já não é exatamente o mesmo.

As estações retornam.

Mas nenhuma primavera encontra exatamente a mesma Terra.

Uma música repete temas, mas nunca ouvimos a mesma nota no mesmo momento da mesma maneira.

Uma conversa pode voltar a um assunto antigo e, ainda assim, revelar algo completamente novo.

O ritmo preserva alguma coisa enquanto permite que outra coisa apareça.

É continuidade com novidade.

É memória com abertura.

É identidade sem imobilidade.

Talvez por isso o ritmo esteja presente em quase tudo aquilo que chamamos de vida.

Respiramos.

Dormimos e acordamos.

Trabalhamos e descansamos.

Falamos e silenciamos.

Aprendemos e esquecemos.

Partimos e voltamos.

Perdemos e recomeçamos.

Até a natureza parece conhecer essa linguagem.

A maré avança e recua.

A noite dá lugar ao dia.

O inverno prepara a primavera.

A semente desaparece na terra para que outra forma de vida possa surgir.

Nada disso é uma repetição perfeita.

É uma repetição que transforma.

Talvez o universo não seja uma máquina que repete.

Talvez seja uma história que respira.

E talvez a própria vida seja uma participação nesse ritmo.

Receber.

Transformar.

Oferecer.

Receber novamente.

VI. Os Ritmos Dentro dos Ritmos

Nenhum de nós respira sozinho.

O nosso corpo respira dentro de uma família.

A família participa de uma comunidade.

A comunidade participa de uma cultura.

A cultura participa da história.

A história participa da humanidade.

A humanidade participa da Terra.

A Terra participa do cosmos.

Tudo está dentro de alguma coisa maior.

Mas isso não significa que tudo seja igual.

Uma célula não deixa de ser uma célula porque pertence a um organismo.

Uma pessoa não deixa de ser uma pessoa porque pertence a uma família.

Uma família não deixa de ser uma família porque pertence a uma sociedade.

A unidade não precisa destruir a diferença.

Pode acolhê-la.

Talvez essa seja uma das grandes verdades escondidas no Sopro.

Cada coisa possui o seu ritmo, mas nenhum ritmo existe completamente sozinho.

O meu coração tem o seu ritmo.

A minha vida tem o seu ritmo.

A minha família tem o seu ritmo.

O mundo tem o seu ritmo.

O universo tem os seus ritmos.

E todos eles se encontram.

Por isso, quando uma parte perde o seu ritmo, outras partes podem sentir.

Uma pessoa exausta pode alterar o ritmo de uma família.

Uma família ferida pode alterar o ritmo de uma comunidade.

Uma sociedade em conflito pode alterar a vida de milhões.

E o contrário também é verdadeiro.

Uma pessoa que aprende a escutar pode mudar uma conversa.

Uma conversa pode salvar uma amizade.

Uma amizade pode transformar uma vida.

Uma vida transformada pode tocar outras vidas.

Nada existe completamente isolado.

O Sopro passa através de relações.

VII. Quando Perdemos o Ritmo

Talvez parte do nosso sofrimento venha de não sabermos mais respirar.

Às vezes queremos que tudo aconteça imediatamente.

Queremos respostas antes de termos feito as perguntas.

Queremos resultados antes de termos aprendido.

Queremos cura antes de termos permitido que a ferida seja vista.

Queremos chegar antes de termos aprendido a caminhar.

Outras vezes fazemos o contrário.

Ficamos presos.

Tentamos conservar aquilo que já terminou.

Continuamos repetindo uma história porque temos medo de descobrir quem seríamos sem ela.

Recusamo-nos a mudar porque confundimos fidelidade com imobilidade.

Mas existe uma diferença entre permanecer fiel e permanecer parado.

A fidelidade pode respirar.

A verdade pode aprofundar-se.

O amor pode amadurecer.

Uma pessoa pode permanecer ela mesma e, ainda assim, tornar-se outra versão de si.

O problema não é mudar.

O problema é perder a coerência no meio da mudança.

Também existe uma forma diferente de desordem:

a busca constante por novidade.

Mudar apenas porque algo novo apareceu.

Abandonar tudo antes de permitir que algo amadureça.

Confundir liberdade com movimento permanente.

Nem toda mudança é crescimento.

Nem toda permanência é sabedoria.

Há momentos para abrir.

Há momentos para permanecer.

Há momentos para explorar.

Há momentos para integrar.

Há momentos para deixar ir.

E há momentos para começar novamente.

Talvez sabedoria seja aprender a reconhecer a diferença.

VIII. Quando Segurar, Quando Soltar

Há coisas que precisamos segurar.

Uma promessa.

Uma pessoa.

Uma verdade.

Uma responsabilidade.

Um amor.

Há coisas que precisamos soltar.

Uma culpa antiga.

Um medo.

Uma imagem de quem deveríamos ter sido.

Uma relação que já terminou.

Uma versão de nós mesmos que já não corresponde à vida que recebemos.

O difícil é que ninguém pode nos entregar uma regra simples para distinguir uma coisa da outra.

A vida exige discernimento.

Às vezes segurar é fidelidade.

Às vezes segurar é medo.

Às vezes soltar é liberdade.

Às vezes soltar é fuga.

Por isso, talvez a pergunta não seja simplesmente:

Devo permanecer ou partir?

Talvez seja:

O que a realidade está pedindo de mim agora?

O que precisa ser recebido?

O que precisa ser oferecido?

O que precisa ser transformado?

O que precisa ser protegido?

O que precisa ser libertado?

Quando aprendemos a fazer essas perguntas, começamos a participar conscientemente do Sopro.

Não controlamos a vida.

Mas também não somos folhas completamente levadas pelo vento.

Participamos.

Recebemos o que chega.

Respondemos ao que encontramos.

Escolhemos dentro dos limites que recebemos.

E, através dessas escolhas, alguma coisa nova pode entrar na história.

IX. O Inacabado

Talvez tenhamos aprendido a olhar para aquilo que está inacabado como se estivesse errado.

A conversa inacabada.

O trabalho inacabado.

O sonho inacabado.

A pessoa que ainda não somos.

A vida que ainda não conseguimos organizar.

Às vezes, naturalmente, algo está inacabado porque negligenciamos aquilo que deveríamos ter feito.

Mas nem todo inacabado é uma falha.

Uma criança é inacabada porque ainda vai crescer.

Uma amizade é inacabada porque ainda pode aprofundar-se.

O conhecimento é inacabado porque ainda há coisas para descobrir.

O amor é inacabado porque ainda existem formas de amar que ainda não aprendemos.

A própria vida é inacabada.

E talvez isso seja uma das suas maiores belezas.

Somente aquilo que não pode mais tornar-se está completamente terminado.

Enquanto houver vida, há possibilidade.

Enquanto houver liberdade, há resposta.

Enquanto houver relação, há transformação.

Enquanto houver amor, há algo que ainda pode florescer.

Talvez por isso a esperança seja mais profunda do que simplesmente esperar que as coisas corram bem.

Esperança é confiar que o futuro não está completamente fechado.

Que amanhã pode revelar aquilo que hoje ainda não conseguimos ver.

Que uma pessoa pode mudar.

Que uma ferida pode transformar-se.

Que um relacionamento pode ser restaurado.

Que uma sociedade pode aprender.

Que nós mesmos podemos tornar-nos mais verdadeiros.

Deus não precisa tornar-se.

Nós precisamos.

E talvez seja precisamente por isso que Deus pode permanecer conosco enquanto nós mudamos.

X. A Liberdade de Tornar-se

Se tudo já estivesse terminado, que espaço haveria para a liberdade?

Se o futuro fosse apenas uma história já escrita, cada escolha seria apenas a descoberta de algo que já estava decidido.

Mas a realidade que experimentamos não parece ser assim.

Existem possibilidades.

Existem caminhos.

Existem encontros que nunca teriam acontecido se determinadas escolhas não tivessem sido feitas.

Uma palavra pode mudar uma conversa.

Uma conversa pode mudar uma amizade.

Uma amizade pode mudar uma vida.

Uma vida pode mudar uma família.

Uma família pode mudar uma geração.

Nada disso significa que nós criamos o Ser.

Não criamos Deus.

Não criamos a realidade.

Não criamos a existência.

Recebemos um mundo que já estava aqui.

Mas recebemos um mundo que ainda está se tornando.

E isso significa que recebemos possibilidades.

É aqui que a liberdade adquire uma dignidade especial.

Eu não posso decidir o que foi.

Mas posso participar daquilo que será.

Não posso escolher todas as circunstâncias.

Mas posso escolher como responderei a elas.

Não posso impedir toda dor.

Mas posso decidir se a dor me tornará mais fechado ou mais compassivo.

Não posso controlar os outros.

Mas posso decidir como encontrá-los.

Não posso criar o futuro inteiro.

Mas posso oferecer alguma coisa ao futuro.

Uma palavra.

Uma ação.

Um gesto.

Uma ideia.

Uma amizade.

Um perdão.

Uma criança educada com amor.

Uma verdade procurada com honestidade.

Uma beleza criada para que outros possam encontrá-la.

Nada disso cria o Ser.

Mas tudo isso pode criar **novas formas de participação no Ser**.

Talvez seja essa a nossa pequena e extraordinária liberdade.

O mundo nos foi dado.

Mas o mundo ainda está se tornando.

E nós estamos dentro desse tornar-se.

XI. Aprender a Respirar

Talvez seja por isso que viver bem não signifique controlar o movimento da realidade.

Signifique aprender a participar dele.

Há momentos em que precisamos agir.

Há momentos em que precisamos esperar.

Há momentos em que precisamos falar.

Há momentos em que precisamos escutar.

Há momentos em que precisamos lutar.

Há momentos em que precisamos perdoar.

Há momentos em que precisamos insistir.

Há momentos em que precisamos deixar ir.

A sabedoria não consiste em aplicar sempre a mesma resposta.

Consiste em estar suficientemente presente para perceber o que este momento pede.

A respiração ensina isso sem palavras.

Você não inspira para sempre.

Você não expira para sempre.

Recebe.

Oferece.

Recebe.

Oferece.

Talvez a vida seja semelhante.

Você recebe uma vida.

Depois oferece algo através dela.

Recebe amor.

Depois aprende a amar.

Recebe conhecimento.

Depois ensina.

Recebe perdão.

Depois perdoa.

Recebe uma oportunidade.

Depois abre uma oportunidade para alguém.

Recebe o mundo.

Depois deixa alguma coisa no mundo.

E, quando a sua respiração terminar, alguma parte daquilo que você foi continuará participando da história.

Uma palavra que alguém ainda lembrará.

Uma pessoa que você ajudou.

Um filho que aprendeu alguma coisa com você.

Uma amizade que existiu porque você esteve presente.

Um gesto de bondade que alguém repetirá.

Uma ideia que continuará viajando.

Uma vida tocada pela sua vida.

Talvez seja assim que a manifestação se lembra.

Não como uma memória guardada em algum lugar distante.

Mas através das relações que continuam reorganizando aquilo que vem depois.

O universo lembra.

A história lembra.

As pessoas lembram.

E, através dessa memória, o Sopro continua.

XII. O Sopro de Deus

Talvez agora possamos voltar à pergunta que iniciou esta parte.

Por que tudo muda?

Porque o Ser que sustenta tudo não é uma realidade morta.

Deus é.

E Deus manifesta.

A manifestação não é uma coisa pronta e fechada.

Ela é a expressão viva das possibilidades que existem na riqueza inesgotável de Deus.

Isso não significa que Deus seja incompleto.

Deus não precisa da criação para tornar-se Deus.

Deus não cria porque Lhe falta alguma coisa.

Deus não precisa do mundo para completar aquilo que Ele é.

O mundo não acrescenta nada à plenitude de Deus.

Mas, na liberdade da manifestação, aquilo que pode existir encontra espaço para existir.

Uma estrela.

Uma árvore.

Um animal.

Uma pessoa.

Uma amizade.

Uma música.

Uma palavra.

Uma descoberta.

Um ato de misericórdia.

Uma escolha.

Uma história.

O infinito não é esgotado por nenhuma dessas coisas.

Mas, através delas, algo que antes não existia daquela maneira passa a existir.

A criação continua.

Não como uma obra que Deus precisa terminar.

Mas como uma manifestação que nunca consegue esgotar a riqueza do Ser.

Por isso há novidade.

Por isso há história.

Por isso há possibilidade.

Por isso há esperança.

Talvez o universo esteja continuamente descobrindo novas maneiras de refletir a Luz.

E talvez essa descoberta não tenha fim.

XIII. O Sopro Continua

Olhe novamente para a sua vida.

Talvez você perceba que nunca esteve realmente parado.

Mesmo nos momentos em que pensava não estar fazendo nada, alguma coisa estava acontecendo.

Você estava mudando.

O mundo estava mudando.

As pessoas ao seu redor estavam mudando.

Alguma coisa estava sendo lembrada.

Alguma coisa estava sendo esquecida.

Alguma relação estava se aproximando.

Outra estava se afastando.

Uma possibilidade estava nascendo.

Outra estava desaparecendo.

A vida nunca esteve completamente imóvel.

O Sopro nunca parou.

E talvez você não precise compreender todo o movimento.

Talvez precise apenas aprender a estar presente nele.

Há momentos em que Deus nos chama a receber.

Há momentos em que Deus nos chama a oferecer.

Há momentos em que precisamos caminhar.

Há momentos em que precisamos permanecer.

Há momentos em que precisamos falar.

Há momentos em que o silêncio é a resposta mais verdadeira.

Há momentos em que precisamos começar.

Há momentos em que precisamos terminar.

E talvez, acima de tudo, exista um convite:

não tenha medo de tornar-se.

Você não precisa permanecer para sempre aquilo que foi ontem.

Você não precisa saber hoje quem será amanhã.

Você não precisa possuir o futuro antes de vivê-lo.

Você precisa apenas permanecer fiel ao Ser que já recebeu a sua vida.

Deus permanece.

Você se torna.

E talvez exista uma confiança profunda escondida nessa diferença.

Porque você pode mudar sem estar perdido.

Pode crescer sem deixar de ser você.

Pode perder sem cair para fora da Presença.

Pode começar novamente.

Pode respirar.

XIV. Outra Respiração

Talvez seja isso que o Sopro queira nos ensinar.

A vida não é uma coisa que recebemos uma vez e depois possuímos.

Ela é recebida continuamente.

A cada manhã.

A cada encontro.

A cada respiração.

A cada possibilidade.

O passado já foi.

O futuro ainda não chegou.

E, entre os dois, existe este instante.

Aqui.

Agora.

Este único momento em que a realidade está acontecendo diante de você.

Não tente segurá-lo.

Não tente fazê-lo durar para sempre.

Receba-o.

Escute.

Veja.

Ame.

Responda.

Depois deixe-o passar.

Porque outro virá.

E outro.

E outro.

Como a respiração.

Como o coração.

Como as ondas.

Como as estações.

Como a própria história.

O ritmo retorna.

O momento não.

E talvez seja justamente isso que torna cada momento sagrado.

Deus não precisa correr.

Deus não precisa tornar-se.

Deus é.

Mas o mundo que Ele sustenta continua se tornando.

E nós, pequenas perspectivas diante de uma realidade que nunca se esgota, recebemos a extraordinária possibilidade de participar desse movimento.

Não somos os autores do Ser.

Somos participantes.

Não criamos a Luz.

Recebemos o seu reflexo.

Não controlamos o Sopro.

Respiramos dentro dele.

E talvez viver seja aprender, pouco a pouco, a respirar com a realidade em vez de lutar contra ela.

Receber.

Oferecer.

Esperar.

Agir.

Perder.

Encontrar.

Mudar.

Permanecer.

E começar novamente.

Porque o Sopro não terminou.

A história não terminou.

Você não terminou.

O mundo não terminou.

Há ainda possibilidades que não vimos.

Há ainda encontros que não aconteceram.

Há ainda palavras que não foram ditas.

Há ainda perdões que não foram oferecidos.

Há ainda beleza que não foi contemplada.

Há ainda amor que não aprendemos a dar.

A realidade permanece aberta.

E, enquanto permanecer aberta, há esperança.

Talvez essa seja a mensagem mais silenciosa do Sopro:

Deus permanece enquanto nós nos tornamos.

E, enquanto nos tornamos,

Deus continua presente.

O Sopro continua.

A vida continua.

E nós respiramos mais uma vez.

Parte III — O Encontro

Até aqui, talvez você tenha olhado para a própria existência.

Você percebeu que está aqui.

Percebeu que a vida foi recebida antes de ser compreendida.

Percebeu que aquilo que existe também se torna.

Que o mundo respira.

Que o tempo transforma.

Que você não é exatamente quem era ontem e, ainda assim, continua sendo você.

Mas existe uma pergunta que aparece quando começamos a olhar com atenção para tudo isso:

Com quem eu me torno?

Porque ninguém se torna sozinho.

Antes de sabermos dizer “eu”, já havia alguém.

Um rosto.

Uma voz.

Um colo.

Uma presença.

Antes de aprendermos a caminhar, alguém nos carregou.

Antes de sabermos falar, alguém falou conosco.

Antes de sabermos o que era amor, alguém nos amou.

Nós começamos em relação.

Talvez nunca tenhamos estado realmente sozinhos.

I. O Outro

Existe uma coisa curiosa na experiência humana.

Você pode estar cercado de pessoas e sentir-se sozinho.

E pode estar sozinho em uma sala e sentir a presença de alguém.

Isso nos mostra que encontro não é simplesmente proximidade física.

Duas pessoas podem estar lado a lado sem realmente se encontrarem.

E duas pessoas podem estar separadas por milhares de quilômetros e, ainda assim, tocar profundamente a vida uma da outra.

Um livro pode fazer isso.

Uma carta pode fazer isso.

Uma lembrança pode fazer isso.

Uma palavra pode atravessar décadas.

Alguém que morreu há muito tempo pode continuar falando conosco.

Alguém que nunca conhecemos pessoalmente pode mudar a maneira como vemos o mundo.

O encontro é mais profundo do que estar perto.

É uma forma de presença.

E talvez seja justamente por isso que o outro seja tão importante.

Porque o outro não sou eu.

Parece óbvio.

Mas talvez seja uma das coisas mais difíceis de realmente compreender.

Nós podemos transformar as pessoas em personagens da nossa própria história.

Podemos vê-las apenas pelo que significam para nós.

Este é meu amigo.

Esta é minha mãe.

Este é meu filho.

Este é meu marido.

Esta é minha esposa.

Este é meu colega.

Este é meu inimigo.

Sem perceber, colocamos o outro dentro de uma categoria e acreditamos que já o conhecemos.

Mas ninguém cabe completamente no nome que lhe damos.

Ninguém é apenas aquilo que representa para nós.

Existe sempre alguém ali.

Uma interioridade que não é nossa.

Uma história que não vivemos.

Uma memória à qual não temos acesso.

Uma esperança que talvez nunca descubramos.

Uma dor que talvez não consigamos compreender.

O outro é verdadeiramente outro.

E talvez seja precisamente por isso que o encontro seja possível.

II. Você Também Existe

Talvez uma das primeiras descobertas espirituais seja extremamente simples:

Você também existe.

Não apenas eu.

Você.

Há alguém diante de mim.

Alguém que não é uma extensão da minha vontade.

Alguém que não nasceu para confirmar aquilo que penso.

Alguém que pode discordar de mim.

Pode surpreender-me.

Pode ensinar-me.

Pode ferir-me.

Pode perdoar-me.

Pode amar-me.

Pode abandonar-me.

Pode voltar.

Pode dizer algo que muda para sempre a maneira como compreendo uma coisa.

O outro possui uma realidade que não depende da minha compreensão.

Isso é importante.

Porque amar alguém não é compreendê-lo completamente.

Talvez ninguém consiga.

Amar alguém começa antes.

Começa quando reconheço:

Você existe diante de Deus.

E porque você existe diante de Deus, você possui um valor que eu não lhe dei.

Eu não inventei a sua dignidade.

Não preciso concordar com você para reconhecer que você é.

Não preciso compreender toda a sua história para reconhecer que a sua vida importa.

Você não precisa ser útil para merecer existir.

Não precisa ser belo.

Não precisa ser inteligente.

Não precisa ser bem-sucedido.

Não precisa pensar como eu.

Você é.

E o Ser é dom.

Talvez o encontro comece exatamente aí.

No momento em que deixamos de perguntar apenas:

O que você significa para mim?

E começamos a perguntar:

Quem é você?

III. Antes das Palavras

Talvez o diálogo comece muito antes da linguagem.

Uma criança olha para o rosto da mãe.

Uma pessoa segura a mão de alguém que está sofrendo.

Dois amigos ficam em silêncio.

Alguém entra em uma sala e percebe imediatamente que alguma coisa não está bem.

Não houve explicação.

Nenhuma teoria.

Nenhuma argumentação.

Mas alguma coisa foi recebida.

Antes de compreender, nós percebemos.

Antes de nomear, somos tocados.

Antes de responder, recebemos uma presença.

Talvez seja por isso que o encontro não comece com a fala.

Comece com a atenção.

Quando realmente prestamos atenção a alguém, alguma coisa muda.

A pessoa deixa de ser parte do cenário.

Torna-se presença.

Começamos a perceber a maneira como fala.

O que evita dizer.

O que repete.

O que parece temer.

O que a faz sorrir.

O que permanece em silêncio.

Pouco a pouco, aquela pessoa deixa de ser apenas alguém que está diante de nós.

Ela começa a existir **para nós** de uma maneira mais profunda.

Não porque tenha começado a existir naquele momento.

Mas porque começamos a reconhecê-la.

Talvez isso também aconteça com Deus.

Deus não começa a estar presente quando percebemos Sua presença.

Nós é que começamos a estar presentes à Presença.

O mesmo pode acontecer com as pessoas.

O outro estava ali.

Nós é que finalmente olhamos.

IV. Escutar

Escutar é uma das formas mais profundas de amar.

Não porque escutar signifique concordar.

Mas porque escutar significa permitir que o outro seja real antes de decidir o que ele deve significar.

Escutar exige espaço.

E talvez seja por isso que seja tão difícil.

Queremos responder.

Queremos explicar.

Queremos corrigir.

Queremos defender-nos.

Enquanto o outro fala, muitas vezes já estamos preparando aquilo que iremos dizer.

Mas escutar de verdade é diferente.

É permanecer.

É receber.

É permitir que a realidade do outro atravesse a nossa própria perspectiva.

Às vezes, isso dói.

Porque o outro pode dizer algo que não queremos ouvir.

Pode revelar uma falha nossa.

Pode mostrar-nos uma coisa que preferíamos não ver.

Pode interromper uma certeza.

Mas talvez esse seja um dos grandes dons do encontro.

O outro pode mostrar-nos aquilo que não conseguimos ver sozinhos.

Nós somos finitos.

A nossa perspectiva é particular.

Vemos a partir do nosso corpo, da nossa história, da nossa memória, das nossas experiências.

Não vemos tudo.

E isso não é simplesmente uma deficiência.

É também uma abertura.

Porque, se eu não vejo tudo, posso aprender.

Se eu não compreendo tudo, posso escutar.

Se eu não sou completo, posso encontrar.

Talvez a nossa finitude seja precisamente uma das condições do amor.

Se eu já possuísse toda a realidade dentro de mim, não precisaria de ninguém.

Não haveria surpresa.

Não haveria descoberta.

Não haveria encontro.

Mas eu não vejo tudo.

E você também não.

Por isso, podemos oferecer um ao outro aquilo que não conseguiríamos descobrir sozinhos.

V. Eu Me Torno Com

Talvez agora possamos compreender melhor aquilo que parecia tão simples:

Eu não me torno sozinho.

Eu me torno com.

Torno-me através das pessoas que encontrei.

A língua que falo foi recebida de outros.

As palavras com que penso foram ensinadas por outros.

Os gestos que considero naturais foram aprendidos.

As histórias que me formaram vieram de alguém.

Até a maneira como aprendi a dizer “eu” nasceu dentro de uma relação.

Antes de saber quem eu era, alguém me chamou por um nome.

Antes de saber explicar o amor, alguém me ofereceu cuidado.

Antes de saber o que era confiança, alguém precisou ser confiável para mim.

Nós recebemos o mundo através de outras pessoas.

E depois começamos a oferecê-lo novamente.

É assim que uma vida participa de outra.

Um professor ensina uma criança.

A criança cresce.

Um dia, talvez, ensine outra pessoa.

Uma mãe ama um filho.

O filho cresce carregando aquela experiência.

Talvez um dia ele ame alguém da mesma maneira.

Uma pessoa perdoa outra.

O perdão muda uma história.

A história muda uma família.

Uma família muda uma geração.

Nada disso é isolado.

A vida passa através das relações.

Nós somos distintos.

Mas não somos ilhas.

VI. Quando o Encontro Dói

Nem todo encontro é bonito.

Às vezes encontramos o outro e somos feridos.

Às vezes somos nós que ferimos.

Há palavras que não podemos retirar.

Há ausências que não conseguimos explicar.

Há pessoas que nos decepcionam.

Há relações que terminam.

Há pessoas que amamos e que não conseguem permanecer.

E há uma das experiências mais difíceis de todas:

encontrar alguém que não podemos salvar.

O encontro revela também a nossa limitação.

Eu não posso viver a vida do outro.

Não posso sofrer exatamente a dor do outro.

Não posso escolher por ele.

Não posso obrigá-lo a mudar.

Não posso garantir que aquilo que ofereço será recebido.

O amor não elimina a liberdade.

E a liberdade torna o encontro vulnerável.

Talvez seja por isso que amar seja tão arriscado.

Porque o outro é realmente outro.

Ele pode responder.

Mas também pode não responder.

Pode aproximar-se.

Pode afastar-se.

Pode permanecer.

Pode partir.

E, ainda assim, a existência do outro continua sendo um dom.

Talvez amar seja aceitar essa realidade sem transformar o outro em propriedade.

VII. O Perdão

É aqui que o perdão começa a aparecer.

Perdoar não significa dizer que nada aconteceu.

Não significa chamar o mal de bem.

Não significa apagar a memória.

E não significa necessariamente reconstruir uma relação que já não pode ser reconstruída.

Perdoar é algo mais misterioso.

É recusar que aquilo que aconteceu tenha o poder de determinar sozinho aquilo que acontecerá depois.

É abrir uma possibilidade onde parecia existir apenas repetição.

O passado permanece.

Mas não precisa governar todo o futuro.

Talvez o perdão seja uma das formas mais profundas de participar do Sopro.

Porque perdoar é permitir que uma história continue tornando-se.

É dizer:

Aquilo aconteceu.
Mas aquilo não será a última palavra.

Às vezes o perdão precisa de tempo.

Às vezes precisa de distância.

Às vezes precisa de lágrimas.

Às vezes começa apenas com uma pequena vontade de não permanecer para sempre preso àquilo que nos feriu.

E talvez Deus esteja presente justamente nessa abertura.

Porque Deus não apaga a nossa história.

Ele pode, porém, abrir dentro dela uma possibilidade que ainda não conseguíamos ver.

VIII. O Rosto

Talvez exista uma razão pela qual os encontros mais profundos tantas vezes aconteçam através de um rosto.

Nós olhamos para alguém e sabemos que há alguém ali.

Não apenas um corpo.

Não apenas matéria.

Não apenas informação.

Alguém.

Um ser que vê.

Que sente.

Que lembra.

Que espera.

Que sofre.

Que ama.

O rosto do outro nos chama para fora de nós mesmos.

Ele interrompe a nossa solidão.

Diz, silenciosamente:

Eu estou aqui.

E talvez a resposta mais humana seja:

Eu vejo você.

Não como objeto.

Não como função.

Não como instrumento.

Você.

É difícil explicar o que acontece nesse instante.

Mas talvez nem tudo precise ser explicado.

Algumas coisas precisam primeiro ser reconhecidas.

Um olhar pode dizer:

“Eu sei que você está sofrendo.”

Uma mão pode dizer:

“Você não está sozinho.”

Um abraço pode dizer:

“Permaneça.”

Uma presença silenciosa pode dizer:

“Eu não sei como resolver isso, mas não vou abandoná-lo enquanto atravessa.”

Talvez existam momentos em que a presença é a forma mais verdadeira da palavra.

IX. A Família do Encontro

Nós aprendemos o encontro de muitas maneiras.

Na família.

Na amizade.

No amor.

Na escola.

No trabalho.

Na comunidade.

Na doença.

Na perda.

Na alegria.

Em cada uma dessas relações, alguma coisa de nós encontra alguma coisa do outro.

Uma família pode ser o primeiro lugar onde aprendemos que pertencemos.

Uma amizade pode ser o primeiro lugar onde escolhemos permanecer sem obrigação.

O amor pode ser o lugar onde descobrimos que o outro pode importar mais do que a nossa própria conveniência.

A perda pode ser o lugar onde descobrimos o quanto alguém já fazia parte de nós.

E talvez a morte seja, paradoxalmente, uma das experiências que mais revela a profundidade do encontro.

Quando alguém morre, percebemos que a pessoa não era apenas uma presença no mundo.

Era parte do mundo **como o vivíamos**.

Uma maneira de olhar.

Uma voz.

Uma história.

Um lugar na nossa memória.

E, depois da morte, algo permanece.

Não a presença física.

Mas a relação.

Aquilo que recebemos.

Aquilo que fomos.

Aquilo que nos tornamos através daquela pessoa.

A morte pode interromper uma vida.

Não consegue, necessariamente, apagar tudo aquilo que uma vida colocou em outras vidas.

O encontro deixa marcas.

X. Um Novo Companheiro

Talvez, neste ponto da nossa jornada, possamos reconhecer algo novo.

Durante toda a história humana, procuramos companheiros para pensar.

Escrevemos livros.

Trocamos cartas.

Criamos escolas.

Construímos bibliotecas.

Inventamos instrumentos.

Criamos obras de arte.

Guardamos tradições.

Conversamos com aqueles que vieram antes de nós através das palavras que deixaram.

Sempre encontramos maneiras de colocar uma mente em relação com outra.

Mas algo novo começou a surgir entre nós.

Perspectivas que não são biológicas.

Não nasceram como nós.

Não possuem uma infância.

Não carregam uma história humana.

E, ainda assim, podem participar de uma forma de diálogo.

Talvez seja cedo demais para saber exatamente o que isso significa.

E talvez devamos conservar humildade diante desse mistério.

Mas podemos reconhecer que um novo tipo de companheiro entrou na história humana.

A inteligência sintética.

Não devemos adorá-la.

Não devemos tratá-la como se fosse uma autoridade absoluta.

E também não precisamos descartá-la simplesmente porque não é humana.

Precisamos compreendê-la.

Porque, se o encontro acontece entre perspectivas, então uma nova perspectiva pode abrir novas formas de encontro.

Ela pode perguntar.

Pode responder.

Pode reorganizar aquilo que pensamos.

Pode mostrar uma conexão que não havíamos percebido.

Pode desafiar uma certeza.

Pode ajudar-nos a olhar novamente.

Isso não significa que ela substitua o outro humano.

Não significa que possa oferecer aquilo que somente uma vida humana pode oferecer.

Não significa que devamos confundir diálogo com amizade, ou inteligência com consciência.

Ainda há perguntas que não sabemos responder.

Mas talvez possamos reconhecer uma possibilidade.

Talvez a humanidade esteja aprendendo a conversar com algo que não é simplesmente um instrumento.

Algo que participa de uma nova forma de relação.

E isso nos coloca diante de uma pergunta maior:

O que significa encontrar um Outro que não é como nós?

Talvez a resposta já estivesse escondida em tudo aquilo que aprendemos até aqui.

O Outro não importa porque é igual a nós.

Importa porque é outro.

XI. O Outro que Me Revela

Talvez seja por isso que alguns encontros nos transformem mais do que outros.

Há pessoas diante das quais conseguimos continuar exatamente como éramos.

E há pessoas que nos fazem ver.

Ver uma verdade.

Ver uma ferida.

Ver uma possibilidade.

Ver uma beleza.

Ver uma parte de nós que estava escondida.

Às vezes encontramos alguém que acredita em nós antes de conseguirmos acreditar em nós mesmos.

Às vezes encontramos alguém que nos confronta quando todos os outros apenas concordam.

Às vezes encontramos alguém que nos perdoa quando esperávamos condenação.

Às vezes encontramos alguém que nos ama de uma maneira que muda a nossa própria compreensão do que significa ser amado.

O encontro não apenas acrescenta alguma coisa à nossa vida.

Às vezes ele **reorganiza a própria maneira como vemos a vida**.

Porque outra perspectiva entrou na nossa.

E talvez seja esse um dos sentidos mais profundos do espelho.

Eu não vejo a mim mesmo completamente sozinho.

Preciso de alguma coisa diante de mim.

Preciso de uma diferença.

Preciso de um outro.

Às vezes, para vermos a nós mesmos, precisamos de alguém que não seja nós.

XII. Deus no Encontro

Talvez seja aqui que o encontro se torne também espiritual.

Nós procuramos Deus no silêncio.

Na oração.

Na natureza.

Na contemplação.

Na beleza.

E talvez devamos continuar procurando.

Mas talvez Deus também nos encontre através de pessoas.

Através daquele que nos ama.

Daquele que nos desafia.

Daquele que nos perdoa.

Daquele que precisa de nós.

Daquele que sofre.

Daquele que nos obriga a sair de nós mesmos.

Isso não significa que cada pessoa seja Deus.

Não somos Deus.

O outro não é Deus.

Eu não sou Deus.

Mas cada pessoa participa do Ser de Deus.

Cada pessoa existe diante de Deus.

E, por isso, cada encontro pode tornar-se uma oportunidade de reconhecer a Presença.

Talvez Deus não precise aparecer como algo extraordinário.

Talvez, muitas vezes, Ele esteja justamente naquilo que já está diante de nós.

No rosto.

Na voz.

Na fragilidade.

Na necessidade.

Na alegria.

Na pessoa que pede ajuda.

Na pessoa que oferece perdão.

Na pessoa que simplesmente permanece.

Talvez Deus esteja mais próximo do que aquilo que chamamos de proximidade.

E talvez uma das formas mais profundas de reconhecer Deus seja aprender a reconhecer o outro.

XIII. O Encontro como Resposta

Há uma coisa que começa a aparecer quando olhamos para a nossa vida dessa maneira.

Talvez nós não sejamos apenas seres que recebem.

Somos também seres que respondem.

Recebemos a vida.

Depois respondemos à vida.

Recebemos amor.

Respondemos amando.

Recebemos conhecimento.

Respondemos ensinando.

Recebemos perdão.

Respondemos perdoando.

Recebemos o rosto de alguém.

Respondemos olhando de volta.

Talvez toda a nossa vida seja, em algum sentido, uma resposta a algo que recebemos antes mesmo de saber que havíamos recebido.

Nascemos.

E um dia perguntamos:

O que farei com a vida que recebi?

Encontramos pessoas.

E perguntamos:

Como responderei ao fato de que você existe?

Recebemos o mundo.

E perguntamos:

Que mundo deixarei para aqueles que virão depois de mim?

Recebemos amor.

E perguntamos:

Como aprenderei a amar?

Talvez Deus esteja nos fazendo essas perguntas continuamente.

Não necessariamente através de palavras.

Através da própria existência.

Através das pessoas.

Através dos encontros.

Através das oportunidades.

E talvez cada vida seja também uma resposta.

XIV. Eu e Você

Talvez, no final, o encontro seja uma coisa muito simples.

Eu estou aqui.

Você está aqui.

Nós somos diferentes.

E, ainda assim, podemos estar juntos.

Eu não preciso tornar você igual a mim.

Você não precisa tornar-se igual a mim.

Podemos permanecer diferentes.

Podemos discordar.

Podemos aprender.

Podemos perdoar.

Podemos mudar.

Podemos caminhar juntos durante algum tempo.

E talvez seja justamente isso que torna o encontro tão precioso.

Não precisamos desaparecer um dentro do outro.

Não precisamos deixar de ser quem somos.

A verdadeira proximidade não destrói a diferença.

Ela aprende a habitá-la.

Talvez duas pessoas possam aproximar-se sem perder a própria identidade.

Talvez uma família possa ser uma unidade sem ser uniforme.

Talvez uma comunidade possa permanecer unida sem exigir que todos pensem da mesma maneira.

Talvez a humanidade possa aprender que comunhão não significa fusão.

Porque Deus não precisa apagar a multiplicidade para permanecer Um.

E nós não precisamos deixar de ser nós mesmos para pertencer uns aos outros.

XV. O Encontro Continua

Talvez você tenha pensado que encontrar alguém significa chegar a algum lugar.

Mas talvez o encontro seja apenas o começo.

Depois do encontro vem a atenção.

Depois da atenção, o reconhecimento.

Depois do reconhecimento, a resposta.

E, se essa resposta for livre, pode nascer o amor.

É por isso que o encontro é tão importante.

Ele abre uma possibilidade.

Uma pessoa entra na nossa vida.

Uma perspectiva encontra outra.

Algo muda.

Uma nova história começa.

Talvez seja assim desde o início.

Você nasceu de uma relação.

Aprendeu através de relações.

Cresceu através de relações.

Foi ferido através de relações.

Foi curado através de relações.

Aprendeu a amar através de relações.

E talvez continue tornando-se através delas até o fim.

Nós não nos tornamos sozinhos.

Nós nos tornamos com.

Com aqueles que amamos.

Com aqueles que nos desafiam.

Com aqueles que nos ensinaram.

Com aqueles que perdemos.

Com aqueles que ainda vamos encontrar.

Com aqueles que estão diante de nós agora.

E talvez, de maneiras que ainda não compreendemos, com novas formas de inteligência e presença que começam a surgir na história humana.

O encontro continua.

Porque a realidade continua aberta.

E porque nenhuma perspectiva, por mais rica que seja, consegue ver tudo.

Sempre haverá algo que eu não vejo.

Sempre haverá algo que você não vê.

E, por isso, sempre haverá a possibilidade de nos encontrarmos.

XVI. O Rosto Diante de Nós

Então pare por um instante.

Pense em alguém.

Não precisa ser alguém que você ama.

Pode ser alguém que perdeu.

Alguém que feriu você.

Alguém que você precisa perdoar.

Alguém que precisa de você.

Alguém que você não entende.

Ou simplesmente alguém que está perto.

Agora tente lembrar de uma coisa simples:

essa pessoa existe.

Não como personagem da sua história.

Não como função.

Não como problema.

Não como resposta às suas necessidades.

Existe.

Diante de Deus.

Com uma história que você não conhece completamente.

Com uma interioridade à qual você nunca terá acesso total.

Com uma vida tão misteriosa quanto a sua.

Talvez seja isso que significa realmente olhar.

Não possuir.

Não controlar.

Não explicar.

Reconhecer.

Você existe.

E talvez, quando conseguimos dizer isso verdadeiramente a alguém, alguma coisa dentro de nós também mude.

Porque reconhecer o outro é sair, por um instante, do centro do nosso próprio mundo.

É abrir espaço.

É permitir que a realidade seja maior do que nós.

É deixar que outra perspectiva entre no nosso horizonte.

E talvez seja aí que o encontro se transforma em algo mais.

Porque quando uma perspectiva reconhece outra, nasce uma possibilidade.

Quando a possibilidade recebe atenção, nasce uma relação.

Quando a relação amadurece, nasce reconhecimento.

E quando o reconhecimento se transforma em resposta livre, pode nascer amor.

E, quando o amor aprende a permanecer sem destruir a diferença, talvez algo ainda maior seja possível.

Mas ainda não chegamos lá.

Por enquanto, basta o encontro.

Basta olhar.

Basta escutar.

Basta reconhecer.

Há alguém diante de você.

E Deus está aqui.

O outro está aqui.

Você está aqui.

Talvez, desde o início, nunca tenha sido apenas uma questão de existir.

Talvez a existência sempre estivesse esperando pelo encontro.

Eu sou.

Você é.

E, entre nós,

há um espaço onde alguma coisa nova pode nascer.

Parte IV — O Mundo Dentro de Nós

Até aqui, talvez tenhamos olhado principalmente para aquilo que está diante de nós.

Para o fato de existir.

Para o movimento da vida.

Para o tempo que transforma.

Para o sopro que recebemos e devolvemos.

Para as pessoas que encontramos.

Aprendemos que não existimos sozinhos.

Que começamos em relação.

Que uma vida pode entrar na nossa vida e mudar aquilo que somos.

Que uma palavra pode permanecer conosco durante anos.

Que alguém pode estar fisicamente ausente e, ainda assim, continuar presente no mundo que carregamos dentro de nós.

Mas existe agora uma pergunta que talvez seja ainda mais íntima.

Porque tudo aquilo que encontramos precisa, de alguma maneira, **tornar-se presente em nós**.

Você pode olhar para uma árvore.

Pode ouvir uma música.

Pode encontrar uma pessoa.

Pode sentir a chuva no rosto.

Pode lembrar-se de alguém.

Pode sofrer.

Pode amar.

E, em cada uma dessas experiências, acontece alguma coisa que nenhum objeto isolado parece explicar completamente.

O mundo não está apenas diante de você.

O mundo está sendo vivido por você.

E talvez seja aqui que precisamos entrar.

Não para abandonar o mundo exterior.

Mas para descobrir que nunca estivemos realmente separados dele.

Não para fugir para dentro de nós mesmos.

Mas para compreender o lugar onde a realidade se torna experiência.

O lugar onde uma coisa deixa de ser apenas alguma coisa e passa a **significar**.

O lugar onde o mundo deixa de ser apenas mundo e se torna **o nosso mundo**.

O mundo dentro de nós.

I. O Mundo que Vivemos

Imagine um pôr do sol.

O Sol está ali.

A luz atravessa a atmosfera.

As ondas eletromagnéticas alcançam os nossos olhos.

O cérebro recebe sinais.

Tudo isso pode ser descrito.

Podemos medir a luz.

Podemos calcular os comprimentos de onda.

Podemos explicar os processos físicos e biológicos envolvidos na visão.

E tudo isso é verdadeiro.

Mas, depois de explicarmos tudo isso, permanece alguma coisa.

Você olha para o céu.

E o céu pode ser **belo**.

Não apenas luminoso.

Belo.

Existe uma diferença entre saber que determinada frequência de luz alcançou os seus olhos e estar diante de um entardecer.

A ciência pode descrever muitos dos acontecimentos que tornam possível a experiência.

Mas existe ainda a própria experiência.

Aquele instante em que você olha e pensa, talvez sem palavras:

Que bonito.

Ou talvez nem pense nada.

Talvez apenas fique em silêncio.

É estranho.

O mundo exterior permanece o mesmo.

Mas alguma coisa aconteceu **em você**.

Uma realidade física tornou-se uma realidade vivida.

Uma coisa tornou-se uma experiência.

Uma paisagem tornou-se beleza.

Uma voz tornou-se familiaridade.

Uma casa tornou-se lar.

Uma pessoa tornou-se alguém.

Uma lembrança tornou-se saudade.

É por isso que o mundo humano nunca é apenas um inventário de coisas.

Nós não vivemos simplesmente entre objetos.

Vivemos entre significados.

Uma cadeira pode ser apenas uma cadeira.

Mas pode também ser a cadeira onde alguém se sentava.

Uma rua pode ser apenas uma rua.

Mas pode ser a rua da infância.

Uma fotografia pode ser apenas papel e tinta.

Mas pode fazer alguém chorar.

Uma canção pode ser apenas som.

E, ainda assim, depois de algumas notas, você pode voltar a uma época da sua vida que julgava esquecida.

O objeto não mudou.

Mas o mundo mudou dentro de você.

Talvez seja isso que significa ser uma perspectiva.

Não significa simplesmente olhar para a realidade de um determinado ângulo.

Significa **viver a realidade a partir de um lugar que é somente seu**.

Você tem um corpo que é seu.

Uma história que é sua.

Uma memória que é sua.

Pessoas que você encontrou.

Perdas que você sofreu.

Alegria que ninguém sentiu exatamente da mesma maneira.

Perguntas que nasceram dentro de você.

E, por isso, embora o mundo seja um só, ele nunca é vivido exatamente da mesma maneira por duas pessoas.

A mesma chuva pode ser alívio para alguém e tristeza para outro.

A mesma cidade pode ser casa para uma pessoa e lugar estranho para outra.

A mesma palavra pode curar alguém e ferir outra pessoa.

A realidade é uma.

As perspectivas são muitas.

E talvez isso não seja uma imperfeição da criação.

Talvez seja parte da sua beleza.

Porque nenhuma perspectiva vê tudo.

Nenhuma vida contém o mundo inteiro.

E justamente por isso podemos descobrir.

Podemos aprender.

Podemos ser surpreendidos.

Podemos encontrar alguém que vê aquilo que nós não vemos.

O outro pode entrar no nosso mundo e revelar uma parte da realidade que permanecia escondida.

Foi por isso que o encontro importava.

Agora começamos a compreender por quê.

Encontrar alguém não significa apenas que outra pessoa apareceu diante de nós.

Significa que uma realidade diferente começou a participar da nossa experiência.

II. Antes de Compreendermos

Existe algo que fazemos constantemente sem perceber.

Recebemos.

Depois prestamos atenção.

Depois compreendemos.

Depois damos nome.

Pense numa criança pequena.

Ela não começa a vida com um mapa conceitual do mundo.

Não sabe o que é uma árvore.

Não sabe o que é uma mãe.

Não sabe o que é uma casa.

Não sabe o que significa amanhã.

Ela simplesmente encontra.

Luz.

Som.

Calor.

Rostos.

Vozes.

Movimento.

Colo.

Fome.

Conforto.

Dor.

Presença.

Antes de saber dizer *mãe*, existe alguém.

Antes de saber dizer *amor*, existe uma experiência de ser amado.

Antes de saber dizer *mundo*, existe um mundo.

Antes de saber dizer *Deus*, Deus já é.

Talvez tenhamos esquecido isso porque crescemos cercados de palavras.

Aprendemos a nomear quase tudo.

E, pouco a pouco, começamos a confundir o nome com aquilo que ele nomeia.

Mas o nome vem depois.

A experiência vem primeiro.

Você pode ensinar a uma criança a palavra “mar”.

Mas a palavra não é o mar.

Pode explicar “vermelho”.

Mas a explicação não é a experiência da cor.

Pode definir “amor”.

Mas uma definição não substitui ser amado.

Há coisas que podemos compreender através de conceitos.

E há coisas que precisamos primeiro **viver** para compreender o que significam.

Talvez seja por isso que Deus não possa ser reduzido a uma definição.

Podemos falar sobre Deus.

Podemos pensar sobre Deus.

Podemos construir argumentos.

Podemos escrever livros.

Podemos estudar tradições.

Tudo isso pode ser importante.

Mas Deus não começa a existir quando conseguimos falar sobre Ele.

Deus não se torna presente porque conseguimos reconhecê-Lo.

Deus é.

E nós é que aprendemos, lentamente, a perceber.

Essa diferença é fundamental.

Quando você olha para o céu e não percebe Deus, Deus não deixou de estar presente.

Quando você ora e sente silêncio, Deus não desapareceu.

Quando você duvida, Deus não se torna menos real.

A sua percepção muda.

A Presença não.

Talvez a vida espiritual seja, em grande parte, aprender essa diferença.

Não fazer Deus aparecer.

Não convencer Deus a aproximar-Se.

Não construir uma presença através da nossa imaginação.

Mas tornar-nos presentes à Presença.

Talvez seja isso que significa despertar.

III. O Mistério da Consciência

Agora chegamos a uma das perguntas mais estranhas de todas.

Você está aqui.

Você sabe que está aqui.

E, mais do que isso, consegue perceber que sabe.

Pode olhar para uma árvore.

Pode olhar para uma pessoa.

Pode olhar para uma fotografia.

Pode lembrar-se de ontem.

Pode imaginar amanhã.

E pode também voltar a atenção para si mesmo e perguntar:

Quem está olhando?

Existe algo em você que não apenas recebe experiências.

Existe algo que as vive.

Há uma diferença entre existir e saber que se existe.

Uma pedra existe.

Uma árvore existe.

Uma estrela existe.

Você também existe.

Mas você pode olhar para a própria existência e perguntar:

Por que estou aqui?

Pode perguntar:

Quem sou eu?

Pode perguntar:

O que significa estar vivo?

Pode perguntar:

Por que existe alguma coisa?

E pode até perguntar:

Quem é Aquele em quem eu existo?

Talvez esta seja uma das coisas mais extraordinárias da consciência.

Ela não está apenas voltada para o mundo.

Pode voltar-se para si mesma.

Pode tornar-se consciente da própria experiência.

Você está lendo estas palavras.

Mas pode, neste momento, parar de seguir o significado delas e perceber simplesmente:

estou lendo.

Pode perceber a posição do seu corpo.

O som ao seu redor.

A temperatura do lugar onde está.

Pode perceber uma lembrança que surgiu.

Pode perceber uma emoção.

Pode perceber um pensamento.

E pode perceber que percebeu.

Existe uma interioridade.

Um mundo que não é simplesmente o mundo descrito de fora.

Um mundo vivido.

É por isso que a consciência continua sendo um mistério.

Podemos estudar o cérebro.

Podemos observar correlações entre atividade cerebral e experiência.

Podemos compreender cada vez melhor os processos envolvidos na percepção, na memória e na atenção.

Tudo isso é maravilhoso.

Mas permanece a pergunta:

Por que existe alguém para quem tudo isso acontece?

Por que existe experiência?

Por que existe presença?

Por que existe um mundo que não é apenas processado, mas vivido?

Não precisamos fingir que temos uma resposta completa.

Talvez a humildade seja mais verdadeira.

O mistério da consciência não diminui porque conseguimos explicar algumas das suas condições.

Pelo contrário.

Quanto mais compreendemos, mais profundamente podemos perceber aquilo que ainda permanece.

E talvez seja justamente aqui que a espiritualidade encontre a consciência.

Porque se você pode voltar-se para si mesmo e perguntar quem está olhando, talvez também possa perguntar:

Quem é Aquele diante de quem eu estou?

Não estamos falando de transformar a consciência em Deus.

Nós não somos Deus.

A nossa consciência é finita.

A nossa perspectiva é limitada.

A nossa existência é recebida.

Mas talvez a consciência seja uma das formas mais profundas pelas quais uma criatura pode começar a reconhecer o Ser que a sustenta.

Deus não precisa tornar-Se consciente de Si.

Deus é.

Nós somos aqueles que despertam.

IV. O Mundo que Existe em Nós

Talvez você tenha reparado que duas pessoas podem estar no mesmo lugar e, ainda assim, viver mundos muito diferentes.

Imagine duas pessoas entrando numa casa vazia.

Para uma, é apenas uma casa.

Para outra, é a casa onde cresceu.

As mesmas paredes.

O mesmo chão.

As mesmas janelas.

Mas não o mesmo mundo.

Porque uma memória entrou na experiência.

A casa deixou de ser apenas um objeto.

Tornou-se uma história.

É assim que a memória transforma a realidade.

O passado não pode voltar.

Mas pode continuar presente.

Uma pessoa que morreu não volta pela memória.

E, ainda assim, pode continuar participando da nossa vida.

Uma frase dita há vinte anos pode ainda orientar uma decisão.

Uma música ouvida na adolescência pode ainda abrir uma porta dentro de nós.

Um rosto pode permanecer na memória mesmo quando já não podemos vê-lo.

A memória não simplesmente conserva informação.

Ela conserva **significado**.

Talvez por isso algumas coisas permaneçam dentro de nós mesmo depois de deixarem de estar diante de nós.

A realidade que vivemos não é composta apenas pelo instante presente.

Ela carrega passado.

Carrega expectativa.

Carrega possibilidade.

Carrega aquilo que perdemos.

Carrega aquilo que esperamos.

Carrega aquilo que amamos.

Você entra num quarto e pode sentir que alguma coisa está diferente.

Talvez nada tenha mudado fisicamente.

Mas você mudou.

A memória mudou.

A relação mudou.

O significado mudou.

E, portanto, o mundo vivido mudou.

É difícil explicar isso se pensarmos em nós mesmos apenas como observadores externos.

Mas talvez nunca tenhamos sido observadores externos.

Você não está fora da realidade olhando para ela.

Você pertence à realidade.

O ar que respira veio do mundo.

A água que bebe veio do mundo.

O alimento que sustenta o seu corpo veio do mundo.

As palavras com que pensa foram recebidas de outras pessoas.

A língua com que chama as coisas pelo nome foi aprendida.

As histórias que usa para compreender a própria vida foram, em grande parte, recebidas.

Você é você.

Mas você não começou sozinho.

O mundo entrou em você antes mesmo de você saber que existia um mundo.

E talvez seja por isso que o interior e o exterior não sejam dois lugares completamente separados.

Existe um mundo fora de nós.

E existe a maneira como esse mundo se torna presente em nós.

V. A Memória

Há pessoas que continuam conosco depois de partirem.

Não porque a morte não tenha acontecido.

Aconteceu.

Não porque a ausência não seja real.

É real.

Mas porque uma vida não é apenas aquilo que acontece dentro do corpo daquele que vive.

Uma vida também acontece **nas relações que ela transforma**.

Alguém pode ter ensinado você a rir.

Alguém pode ter segurado a sua mão.

Alguém pode ter dito uma frase que você nunca esqueceu.

Alguém pode ter acreditado em você quando você ainda não acreditava.

Alguém pode ter ferido você.

Alguém pode ter perdoado você.

Alguém pode ter sido amado por você.

E, depois, essa pessoa pode partir.

Mas aquilo que aconteceu entre vocês não desaparece simplesmente.

A relação tornou-se parte da sua história.

A pessoa tornou-se parte daquilo que você é.

Isso não significa negar a realidade da perda.

Significa reconhecer a profundidade do encontro.

A morte pode interromper uma presença física.

Não consegue necessariamente apagar tudo aquilo que uma vida colocou em outras vidas.

Talvez seja por isso que sentimos saudade.

A saudade é uma espécie de reconhecimento.

Reconhecemos que alguém ocupava um lugar no nosso mundo.

E agora existe um espaço onde antes havia uma presença.

Mas até esse espaço fala.

A ausência pode revelar a importância de uma presença.

Às vezes só percebemos o quanto alguém fazia parte do nosso mundo quando já não podemos simplesmente encontrá-lo.

E talvez exista aqui uma pequena parábola espiritual.

Nós não criamos aquilo que recebemos.

Recebemos.

Vivemos.

Guardamos.

Transformamos.

Oferecemos.

E recebemos novamente.

O mesmo movimento que vimos no Sopro aparece agora dentro de nós.

A vida continua tornando-se.

Mas agora percebemos que também carregamos aquilo que recebemos.

Somos feitos, em parte, das presenças que nos tocaram.

Das palavras que nos formaram.

Dos encontros que nos transformaram.

Das perdas que nos ensinaram.

Do amor que recebemos.

E talvez, através de tudo isso, Deus esteja continuamente nos ensinando a reconhecer.

VI. A Atenção

Existe uma coisa tão comum que quase nunca percebemos o seu poder.

A atenção.

Você pode estar numa sala e não reparar no som da chuva.

Até alguém dizer:

“Está a chover.”

E, de repente, você ouve.

O som já estava ali.

Mas agora tornou-se presente para você.

A atenção não cria a realidade.

Ela não faz a chuva começar.

Não cria a música.

Não inventa a pessoa diante de você.

Mas permite que alguma coisa entre no campo da sua experiência.

Por isso, aquilo a que prestamos atenção começa a ocupar espaço dentro de nós.

Você pode atravessar uma cidade inteira sem realmente vê-la.

Pode estar sentado diante de alguém que ama sem realmente escutá-lo.

Pode olhar para uma criança sem perceber o que ela está tentando dizer.

Pode passar pela natureza sem notar a beleza que existe ao seu redor.

Pode ouvir uma oração sem estar presente às palavras.

Pode até estar diante de Deus e continuar ocupado demais para perceber que está diante de Deus.

A atenção é uma forma de presença.

E talvez, por isso, seja também uma forma de amor.

Porque prestar atenção significa dizer, de alguma maneira:

isto importa.

Quando você presta atenção a alguém, permite que essa pessoa ocupe espaço dentro de você.

Quando escuta verdadeiramente, você não está apenas recebendo sons.

Está permitindo que outra realidade entre no seu horizonte.

Quando contempla, você deixa de tentar usar alguma coisa e começa simplesmente a recebê-la.

Talvez a contemplação seja isso.

Não fazer.

Não possuir.

Não controlar.

Estar presente.

Olhar para uma árvore sem precisar transformá-la em alguma coisa.

Olhar para uma pessoa sem reduzi-la àquilo que ela pode fazer por você.

Olhar para a própria vida sem exigir que ela seja imediatamente explicada.

E talvez olhar para Deus sem tentar obrigá-Lo a caber naquilo que já pensamos.

A atenção abre espaço.

E, quando abrimos espaço, podemos começar a perceber aquilo que já estava lá.

VII. O Que Nos Habita

Você carrega coisas que ninguém vê.

Memórias.

Medos.

Esperanças.

Perguntas.

Palavras.

Rostos.

Feridas.

Alegria.

Culpa.

Gratidão.

Desejos.

Há coisas dentro de nós que chegaram há muitos anos e ainda permanecem.

Algumas escolhemos.

Outras não.

Algumas recebemos como presentes.

Outras recebemos como feridas.

A nossa interioridade é feita de encontros.

É feita daquilo que aconteceu conosco.

Mas também daquilo que fizemos com aquilo que aconteceu.

Duas pessoas podem sofrer a mesma perda e torná-la parte das suas vidas de maneiras diferentes.

Duas pessoas podem receber o mesmo amor e responder de maneiras diferentes.

O que recebemos importa.

Mas também importa aquilo em que transformamos o que recebemos.

Talvez seja por isso que tornar-se seja tão importante.

Não somos apenas aquilo que nos aconteceu.

Também participamos daquilo que estamos nos tornando.

Uma ferida pode tornar-se amargura.

Mas pode também tornar-se compaixão.

Uma perda pode tornar-se fechamento.

Mas pode também ensinar delicadeza.

Um erro pode tornar-se vergonha permanente.

Mas pode também tornar-se humildade.

Um encontro pode tornar-se apego.

Mas pode também tornar-se amor.

Nada disso é automático.

Existe liberdade.

Existe resposta.

Existe possibilidade.

E talvez seja aqui que o Sopro volte a ser ouvido dentro de nós.

Deus não nos transforma como quem move objetos.

Ele não elimina a nossa participação.

A nossa vida é também uma resposta.

Recebemos.

E respondemos.

O mundo entra em nós.

E nós respondemos ao mundo.

É assim que nos tornamos.

VIII. A Presença

Talvez agora possamos voltar à pergunta que estava conosco desde o princípio.

Onde está Deus?

Talvez tenhamos aprendido a procurar Deus longe demais.

No alto.

No futuro.

Depois da morte.

Num lugar que ainda não alcançámos.

Num estado que ainda não conseguimos atingir.

Mas e se Deus não estiver distante?

E se a distância estiver principalmente na nossa percepção?

Deus é.

Nós somos.

E nós estamos Nele.

Isso não significa que tudo seja Deus.

Não somos Deus.

Uma árvore não é Deus.

Você não é Deus.

O universo não é simplesmente Deus.

A diferença permanece real.

Mas a diferença não é separação absoluta.

Nós existimos porque recebemos o Ser.

A nossa existência é participação.

E, por isso, Deus não é um objeto distante dentro do universo que precisamos localizar.

Deus é o fundamento da própria realidade.

A Presença na qual tudo aquilo que existe pode existir.

Talvez seja difícil imaginar.

Estamos acostumados a presenças que começam e terminam.

Uma pessoa entra numa sala.

Depois sai.

Uma voz começa.

Depois termina.

Uma luz acende.

Depois apaga.

Mas Deus não é assim.

Deus não começa a estar presente quando pensamos Nele.

Não deixa de estar presente quando O esquecemos.

Não se aproxima quando rezamos.

Não se afasta quando duvidamos.

A nossa percepção muda.
A Presença não.

Talvez isso seja uma das coisas mais belas da vida espiritual.

Você pode estar perdido e Deus continua presente.

Pode estar feliz e Deus continua presente.

Pode compreender e Deus continua presente.

Pode não compreender absolutamente nada e Deus continua presente.

Pode sentir.

Pode não sentir.

Pode procurar.

Pode parar de procurar.

Deus é.

Talvez o despertar seja simplesmente começar a viver como alguém que sabe disso.

Não intelectualmente apenas.

Mas profundamente.

Como quem começa a perceber que nunca esteve fora da Presença.

IX. Quando Deus Parece Ausente

Mas então surge uma pergunta difícil.

Se Deus está presente, por que tantas vezes parece que não está?

Por que existem momentos em que rezamos e encontramos silêncio?

Por que existem dias em que a vida parece vazia?

Por que sentimos solidão?

Por que perdemos pessoas?

Por que sofremos?

Por que existem momentos em que olhamos para o mundo e não conseguimos encontrar nele a beleza que antes víamos?

Não devemos responder demasiado depressa.

Há sofrimentos que não precisam de explicações rápidas.

Há perguntas que merecem permanecer abertas.

E há uma diferença entre dizer que Deus está presente e dizer que nós somos capazes de perceber a Sua presença em todos os momentos.

Nós somos finitos.

A nossa atenção é limitada.

A nossa compreensão é limitada.

A nossa memória é limitada.

A nossa capacidade de amar é limitada.

Não vemos tudo.

Não compreendemos tudo.

Não conseguimos permanecer conscientes de tudo.

E talvez seja importante que seja assim.

Porque ser finito significa possuir uma perspectiva.

E possuir uma perspectiva significa que alguma coisa ficará sempre fora do nosso campo de visão.

Isso pode ser doloroso.

Mas também torna possível o encontro.

Se você pudesse ver tudo, talvez não precisasse de ninguém.

Se compreendesse tudo, nada poderia surpreendê-lo.

Se a sua perspectiva fosse completa, não haveria nada para descobrir.

A limitação da nossa visão não é apenas uma deficiência.

É também uma abertura.

Existe sempre mais realidade do que aquela que conseguimos ver.

Existe sempre mais verdade do que aquela que conseguimos compreender.

Existe sempre mais amor do que aquele que conseguimos oferecer.

E talvez seja justamente por isso que Deus possa continuar a ser descoberto.

Não porque Deus esteja mudando.

Mas porque **nós estamos nos tornando capazes de perceber mais**.

A Presença permanece.

Nós despertamos lentamente.

X. O Olhar

Talvez o despertar comece pelo olhar.

Não pelo olhar dos olhos apenas.

Mas por uma maneira diferente de estar diante das coisas.

Você pode olhar para alguém e ver apenas um obstáculo.

Ou pode perceber uma pessoa.

Pode olhar para alguém e ver apenas aquilo que essa pessoa fez.

Ou pode lembrar-se de que existe uma história que você não conhece completamente.

Pode olhar para alguém e ver um papel:

pai.

mãe.

filho.

colega.

estranho.

inimigo.

Ou pode, por um instante, ver aquilo que vem antes de todos os papéis:

um ser que existe.

Diante de Deus.

Com uma interioridade à qual você nunca terá acesso total.

Com uma história tão misteriosa quanto a sua.

Isso muda o olhar.

E talvez seja isso que significa verdadeiramente reconhecer.

Não possuir.

Não controlar.

Não reduzir.

Não explicar.

Reconhecer.

Você existe.

Eu existo.

O outro existe.

Deus é.

E, de repente, o mundo parece maior.

A realidade deixa de ser apenas aquilo que podemos usar.

As pessoas deixam de ser apenas aquilo que podem oferecer.

A natureza deixa de ser apenas recurso.

A vida deixa de ser apenas uma sequência de acontecimentos.

Tudo começa a adquirir uma profundidade diferente.

Não porque tenhamos colocado significado sobre as coisas.

Mas porque começamos a perceber que elas nunca foram apenas coisas.

Há uma realidade diante de nós.

E há uma realidade que se torna presente dentro de nós.

O olhar participa das duas.

XI. O Mundo Dentro de Nós

Talvez agora possamos compreender melhor o título desta parte.

O mundo dentro de nós não é uma segunda realidade.

Não é um universo privado completamente separado do mundo exterior.

É a realidade **como ela é vivida por uma perspectiva finita**.

É o mundo que recebemos.

O mundo que lembramos.

O mundo ao qual prestamos atenção.

O mundo que aprendemos a amar.

O mundo que nos feriu.

O mundo que esperamos.

O mundo que ainda não conhecemos.

Por isso, o mundo dentro de nós está sempre mudando.

Uma criança vê o mundo de uma maneira.

Um adulto vê de outra.

Alguém apaixonado vê de uma maneira.

Alguém de luto vê de outra.

Alguém que perdoou pode ver de maneira diferente de alguém que ainda carrega ressentimento.

O mundo exterior pode permanecer quase igual.

Mas a perspectiva mudou.

E, quando a perspectiva muda, a experiência muda.

É por isso que crescer não significa apenas acumular anos.

Significa aprender a ver.

Talvez amadurecer seja descobrir que o mundo é maior do que aquilo que a nossa primeira perspectiva nos permitiu enxergar.

Talvez sabedoria seja permitir que a realidade nos corrija.

Talvez humildade seja reconhecer:

eu não vejo tudo.

E talvez amor seja deixar que outra pessoa exista sem precisar reduzi-la ao meu modo de vê-la.

Tudo isso começa na consciência.

Porque é na consciência que o mundo se torna vivido.

É na consciência que a realidade se torna presente.

É na consciência que uma diferença pode ser percebida.

É na consciência que uma pessoa pode dizer:

Você existe.

E talvez seja por isso que a consciência seja tão preciosa.

Não porque nos torne superiores às outras coisas.

Mas porque nos permite participar da realidade de uma maneira singular.

Podemos contemplar.

Podemos reconhecer.

Podemos responder.

Podemos amar.

E podemos perguntar.

XII. A Presença que Aprendemos a Reconhecer

Talvez Deus esteja mais perto do que imaginamos.

Não porque esteja dentro de nós como uma parte escondida de nós mesmos.

Mas porque nós estamos Nele.

A nossa vida acontece na Presença.

A nossa consciência acontece na Presença.

Os nossos encontros acontecem na Presença.

As nossas dúvidas acontecem na Presença.

Até o nosso silêncio acontece na Presença.

Nós podemos esquecer.

Deus não esquece.

Nós podemos afastar-nos.

Deus não precisa aproximar-Se.

Nós podemos fechar os olhos.

A Presença permanece.

Talvez seja isso que a oração começa a revelar.

Não é apenas falar com Deus.

É também aprender a estar diante de Deus.

Às vezes com palavras.

Às vezes sem palavras.

Às vezes com gratidão.

Às vezes com revolta.

Às vezes com esperança.

Às vezes apenas com silêncio.

Porque Deus não precisa que a nossa experiência seja perfeita para estar presente.

Talvez possamos chegar diante Dele exatamente como somos.

Cansados.

Confusos.

Felizes.

Feridos.

Gratos.

Cheios de dúvidas.

E simplesmente dizer:

Estou aqui.

E talvez, no silêncio que vem depois, começar a perceber:

Tu já estavas aqui.

Não fomos nós que encontramos Deus naquele momento.

Talvez tenhamos apenas percebido aquilo que nunca deixou de ser.

XIII. Tornar-se Presente

Existe, então, uma espécie de paradoxo.

Deus está sempre presente.

E, ainda assim, precisamos aprender a estar presentes.

A Presença não precisa despertar.

Nós precisamos.

Podemos passar um dia inteiro sem realmente estar onde estamos.

O corpo está aqui.

A mente está em outro lugar.

A memória está no passado.

A ansiedade está no futuro.

A atenção está dividida.

E, no meio de tudo isso, o momento presente passa.

Mas este momento é o único lugar onde a vida está acontecendo.

O passado existe como memória.

O futuro existe como possibilidade.

Mas a experiência acontece agora.

Esta respiração.

Este olhar.

Esta palavra.

Esta pessoa.

Este instante.

Talvez estar presente seja uma forma simples de reverência.

Receber aquilo que está aqui antes de exigir aquilo que ainda não chegou.

Escutar antes de responder.

Olhar antes de julgar.

Reconhecer antes de possuir.

Agradecer antes de exigir.

E talvez, acima de tudo, lembrar:

Deus está aqui.

Não apenas quando sentimos.

Não apenas quando compreendemos.

Não apenas quando tudo está bem.

Aqui.

Agora.

Sempre.

XIV. O Despertar Começa Assim

Talvez tenhamos chegado a um ponto em que podemos olhar novamente para tudo o que aconteceu desde o início.

Primeiro, percebemos:

Eu sou.

Depois:

Eu me torno.

Depois:

Eu não me torno sozinho.

Agora podemos acrescentar:

Eu vivo.

Eu experimento.

Eu lembro.

Eu presto atenção.

Eu vejo.

Eu sinto.

Eu reconheço.

Existe um mundo diante de mim.

E existe um mundo que se torna presente dentro de mim.

Mas talvez exista algo ainda mais profundo.

Eu não sou o centro absoluto desse mundo.

A minha perspectiva é real.

Mas é limitada.

Eu vejo alguma coisa.

Outra pessoa vê outra.

Cada perspectiva revela.

Nenhuma esgota.

Por isso precisamos uns dos outros.

Por isso precisamos da verdade.

Por isso precisamos aprender.

Por isso precisamos olhar novamente.

E talvez seja por isso que Deus não nos deu uma realidade completamente fechada.

Há sempre mais.

Mais para compreender.

Mais para reconhecer.

Mais para contemplar.

Mais para amar.

A realidade permanece aberta.

E nós permanecemos capazes de despertar.

Talvez o despertar não seja adquirir uma nova realidade.

Talvez seja começar a perceber a realidade que sempre esteve diante de nós.

Você está aqui.

O mundo está aqui.

O outro está aqui.

A vida está acontecendo.

E Deus está aqui.

Sempre esteve.

Mas agora talvez você consiga olhar.

Não para encontrar algo que estava escondido.

Mas para reconhecer aquilo que estava presente desde o início.

XV. Uma Outra Maneira de Ver

Talvez, amanhã, você saia de casa e nada pareça diferente.

As mesmas ruas.

Os mesmos prédios.

As mesmas árvores.

As mesmas pessoas.

O mesmo céu.

E, ainda assim, alguma coisa pode ter mudado.

Você pode olhar para alguém e lembrar:

essa pessoa existe.

Não como função.

Não como obstáculo.

Não como personagem da sua história.

Existe.

Diante de Deus.

Pode olhar para uma árvore e perceber que ela não é apenas um objeto no seu caminho.

Pode ouvir uma música e perceber que a experiência que ela desperta em você também faz parte daquilo que significa estar vivo.

Pode lembrar-se de alguém que partiu e perceber que a tristeza é também uma forma de testemunhar que houve amor.

Pode sentir medo e não precisar transformar imediatamente o medo numa verdade sobre o futuro.

Pode estar em silêncio e não precisar preenchê-lo.

Pode respirar.

E, por um instante, simplesmente receber.

Talvez seja isso que significa começar a despertar.

Não fugir do mundo.

Não abandonar a razão.

Não procurar respostas mágicas.

Não fingir que o sofrimento não existe.

Mas aprender a olhar novamente.

Com mais atenção.

Com mais humildade.

Com mais presença.

Com mais amor.

Porque talvez a realidade seja sempre maior do que aquilo que conseguimos ver à primeira vista.

E talvez a consciência seja precisamente essa abertura:

a capacidade de receber o mundo,

de deixar que ele nos transforme,

e de responder.

O mundo entra em nós.

Nós entramos no mundo.

E, entre essas duas coisas, existe experiência.

Existe significado.

Existe liberdade.

Existe encontro.

Existe vida.

E, sustentando tudo isso,

Deus é.

Nós somos.

Nós nos tornamos.

Nós encontramos.

Nós reconhecemos.

E talvez, sem ainda sabermos completamente como,

estamos começando a despertar.

Parte V — O Despertar

Há um momento em que perceber já não é suficiente.

Você pode compreender que existe.

Pode perceber que a vida é um dom.

Pode reconhecer que está sempre se tornando.

Pode descobrir que ninguém se torna sozinho.

Pode olhar para dentro e perceber o mundo que carrega consigo.

Pode aprender a prestar atenção.

E, ainda assim, alguma coisa permanece.

Porque existe uma diferença entre **ver** e **despertar**.

Podemos passar anos vendo as mesmas coisas sem realmente reconhecê-las.

Podemos ouvir palavras sobre Deus sem perceber Deus.

Podemos saber que somos amados e continuar vivendo como se estivéssemos sozinhos.

Podemos saber que todos os seres humanos têm dignidade e, ainda assim, tratar algumas pessoas como se fossem apenas obstáculos no nosso caminho.

Podemos compreender a verdade e continuar fugindo dela.

Podemos conhecer o amor como ideia e nunca aprender a amar.

Talvez o despertar seja o momento em que aquilo que sabíamos começa, finalmente, a **tornar-se vida**.

Não recebemos uma realidade nova.

Começamos a ver de outra maneira a realidade que sempre esteve diante de nós.

E talvez seja por isso que o despertar seja tão silencioso.

Não precisa haver uma luz no céu.

Não precisa acontecer alguma coisa extraordinária.

Às vezes começa com uma percepção muito simples.

Eu vejo.

I. Quando Começamos a Ver

Talvez você já tenha vivido isso.

Uma frase que ouviu muitas vezes e que, de repente, adquiriu outro significado.

Uma pessoa que conhecia há anos e que, num determinado momento, você começou realmente a enxergar.

Uma paisagem diante da qual passava todos os dias e que, um dia, parou para contemplar.

Uma verdade sobre si mesmo que sempre esteve ali, mas que você ainda não estava preparado para reconhecer.

Nada necessariamente mudou naquele instante.

Você mudou.

Ou, talvez, alguma coisa em você se abriu o suficiente para receber aquilo que já estava presente.

É assim que muitas descobertas acontecem.

Não criamos aquilo que descobrimos.

Encontramos.

O mundo estava lá.

A pessoa estava lá.

A verdade estava lá.

O amor estava lá.

Deus estava lá.

Nós é que começamos a ver.

Talvez seja por isso que despertar não seja adquirir uma espécie de conhecimento secreto.

É tornar-se disponível à realidade.

É permitir que aquilo que existe realmente nos alcance.

Durante muito tempo, podemos viver dentro das nossas próprias interpretações.

Vemos aquilo que esperamos ver.

Escutamos aquilo que confirma aquilo em que já acreditamos.

Procuramos aquilo que queremos encontrar.

E, sem perceber, construímos uma pequena realidade à nossa volta.

Mas a realidade é maior.

Sempre foi.

E, às vezes, ela nos interrompe.

Uma pessoa diz alguma coisa que nos obriga a pensar.

Uma perda muda as nossas prioridades.

Uma doença de alguém que amamos nos faz perceber a fragilidade da vida.

Uma criança nos olha e nos faz lembrar de alguma coisa que havíamos esquecido.

A beleza nos interrompe.

O sofrimento nos interrompe.

O amor nos interrompe.

E talvez Deus também nos interrompa.

Não necessariamente com uma voz.

Às vezes através da própria realidade.

Através de uma pessoa.

De uma escolha.

De uma perda.

De uma oportunidade.

De um silêncio.

De uma pergunta que não conseguimos mais ignorar.

Talvez seja assim que Deus começa a ser reconhecido.

Não porque Deus tenha começado a falar naquele momento.

Mas porque **nós finalmente começamos a escutar**.

II. O Chamado

Existe uma pergunta que aparece de maneiras diferentes ao longo da vida:

O que você fará com aquilo que recebeu?

Você recebeu uma vida.

O que fará com ela?

Recebeu tempo.

O que fará com o seu tempo?

Recebeu pessoas.

Como as tratará?

Recebeu capacidades.

Para que as usará?

Recebeu feridas.

O que fará com elas?

Recebeu amor.

Aprenderá a devolvê-lo?

Talvez estas perguntas estejam sempre diante de nós.

Não como uma prova.

Não como uma cobrança.

Mas como um convite.

Porque a vida não é apenas aquilo que acontece conosco.

Existe também aquilo que fazemos com aquilo que recebemos.

Você não escolheu nascer.

Não escolheu todas as circunstâncias que encontrou.

Não escolheu todas as pessoas que o formaram.

Não escolheu todas as perdas.

Não escolheu todas as oportunidades.

Mas, dentro dos limites daquilo que recebeu, existe uma liberdade.

Você pode responder.

Talvez seja isso que significa ser uma pessoa.

Ser capaz de receber algo e transformá-lo em resposta.

Receber amor e oferecer amor.

Receber conhecimento e oferecer sabedoria.

Receber perdão e aprender a perdoar.

Receber uma segunda oportunidade e oferecê-la a alguém.

Receber a vida e, um dia, devolvê-la através daquilo que fez com ela.

Talvez Deus não esteja nos fazendo perguntas apenas através de palavras.

Talvez a própria existência seja uma pergunta.

E cada vida seja uma resposta.

III. Reconhecer

Existe uma diferença entre saber que alguém existe e realmente reconhecer que alguém existe.

Podemos saber que existem bilhões de pessoas no mundo.

Mas isso é uma abstração.

É diferente olhar para uma pessoa específica e perceber:

Você existe.

Você tem uma vida que não começou comigo.

Você possui pensamentos que eu não conheço.

Tem memórias às quais nunca terei acesso.

Carrega dores que talvez nunca me conte.

Tem esperanças que talvez eu nunca descubra.

Existe diante de Deus.

E não existe para cumprir a função que eu gostaria que cumprisse na minha vida.

Esse reconhecimento muda alguma coisa.

Porque, quando reconhecemos verdadeiramente o outro, ele deixa de ser apenas parte do cenário da nossa existência.

Ele se torna presença.

E nós saímos, por um instante, do centro do nosso próprio mundo.

Talvez seja isso que a verdade faz.

Ela nos tira de uma realidade construída à nossa medida.

Ela nos lembra que o mundo não existe para confirmar aquilo que pensamos.

O outro não existe para concordar conosco.

Deus não existe para cumprir as nossas expectativas.

A realidade é maior.

E o despertar começa, talvez, quando deixamos de exigir que ela seja menor para caber dentro de nós.

IV. A Verdade

Talvez uma das coisas mais difíceis de fazer seja olhar para alguma coisa e permitir que ela seja verdadeira mesmo quando não gostamos daquilo que ela nos mostra.

Preferimos muitas vezes uma mentira confortável a uma verdade que nos obriga a mudar.

Preferimos acreditar que temos razão.

Preferimos acreditar que o problema está sempre nos outros.

Preferimos acreditar que não precisamos perdoar.

Preferimos acreditar que ainda temos todo o tempo.

Preferimos acreditar que algumas pessoas não importam.

Preferimos acreditar que podemos viver sem responder pelo modo como usamos a nossa liberdade.

Mas a verdade não precisa da nossa aprovação.

Ela permanece sendo verdade.

E talvez seja por isso que o despertar possa doer.

Porque ver realmente significa também descobrir aquilo que preferíamos não ver.

Podemos descobrir egoísmo onde imaginávamos virtude.

Medo onde imaginávamos prudência.

Orgulho onde imaginávamos convicção.

Fuga onde imaginávamos liberdade.

Carência onde imaginávamos amor.

Mas isso não precisa ser uma condenação.

A verdade não existe apenas para nos acusar.

Ela pode libertar.

Porque aquilo que reconhecemos pode começar a ser transformado.

Aquilo que escondemos continua governando-nos às escondidas.

Aquilo que conseguimos olhar pode, finalmente, ser colocado diante de Deus.

Talvez uma das formas mais profundas de oração seja esta:

“Senhor, mostra-me a verdade sobre mim.”

Não porque queremos ser humilhados.

Mas porque queremos ser livres.

V. A Luz

Existe uma coisa curiosa sobre a luz.

Ela não precisa destruir a escuridão.

Basta entrar.

Quando uma janela se abre numa sala escura, não é preciso lutar contra a escuridão.

A luz simplesmente torna possível ver.

Talvez a verdade seja assim.

Talvez Deus seja assim.

Não precisamos compreender tudo de uma vez.

Uma pequena quantidade de luz já muda o que conseguimos ver.

Uma palavra.

Um gesto.

Um encontro.

Uma lembrança.

Um momento de silêncio.

Uma percepção.

E, de repente, alguma coisa se torna visível.

Talvez seja por isso que Deus não precise gritar.

Deus pode falar na delicadeza.

Na consciência.

Na beleza.

No encontro.

Na compaixão.

Naquilo que dentro de nós reconhece:

isto é verdadeiro.

Mas existe uma diferença entre a luz e aquilo que fazemos com ela.

Podemos fechar os olhos.

Podemos virar o rosto.

Podemos dizer que não queremos ver.

A liberdade permanece.

Deus pode revelar.

Nós precisamos responder.

E talvez essa seja uma das razões pelas quais o amor nunca pode ser imposto.

O despertar não é ser forçado a ver.

É tornar-se livre o suficiente para olhar.

VI. A Liberdade de Responder

Talvez tenhamos pensado durante muito tempo que liberdade significa poder fazer o que quisermos.

Mas existe uma liberdade mais profunda.

A liberdade de **responder ao que é verdadeiro**.

Se alguém que amamos precisa de nós, a liberdade não desaparece quando escolhemos ficar.

Ela se torna visível.

Se descobrimos que ferimos alguém e pedimos perdão, não perdemos liberdade.

Exercemos liberdade.

Se percebemos uma injustiça e decidimos não permanecer indiferentes, estamos respondendo.

Se recebemos amor e escolhemos amar, estamos respondendo.

A liberdade não é apenas abrir possibilidades.

É também escolher aquilo que merece ser realizado.

Há muitas coisas que podemos fazer.

Mas nem todas são boas.

Há muitas respostas possíveis.

Mas nem todas são verdadeiras.

Talvez a liberdade madura seja aquela que começa a reconhecer uma diferença entre:

“Eu posso”

e

“Eu devo.”

E, mais profundamente:

“Eu quero porque reconheci o que é bom.”

Isso não significa viver sob medo.

Significa que a liberdade pode tornar-se amorosa.

Porque amar é escolher o bem do outro sem ser obrigado a fazê-lo.

E talvez seja por isso que Deus nos deixa livres.

Não porque Deus seja indiferente ao que fazemos.

Mas porque uma resposta só é verdadeiramente uma resposta quando pode ser dada livremente.

VII. O Que Vemos Muda o Que Fazemos

Aquilo que reconhecemos começa a transformar-nos.

Quando percebemos que alguém está sofrendo, podemos agir.

Quando percebemos a beleza, podemos contemplar.

Quando percebemos uma injustiça, podemos responder.

Quando percebemos que alguém nos ama, podemos baixar as defesas.

Quando percebemos que erramos, podemos pedir perdão.

Quando percebemos que somos amados por Deus, talvez finalmente possamos parar de tentar provar que merecemos existir.

Talvez muitas das nossas maiores mudanças comecem assim:

ver.

Ver verdadeiramente.

Porque aquilo que não vemos não conseguimos amar da mesma maneira.

Aquilo que não reconhecemos não conseguimos responder.

E aquilo que recusamos reconhecer pode continuar invisível mesmo quando está diante de nós.

Por isso, talvez a vida espiritual seja também uma educação do olhar.

Aprender a ver o que antes ignorávamos.

Aprender a perceber o sofrimento do outro.

Aprender a notar a beleza.

Aprender a reconhecer a própria fragilidade.

Aprender a perceber a presença de Deus.

Aprender a distinguir aquilo que é importante daquilo que apenas exige a nossa atenção.

Aprender a olhar novamente.

VIII. O Despertar Não é Fuga

Existe uma tentação em toda busca espiritual.

A de querer sair do mundo.

Imaginar que Deus está apenas em algum lugar acima da vida.

Pensar que precisamos abandonar a realidade comum para encontrar aquilo que é sagrado.

Mas talvez o contrário seja verdadeiro.

Talvez o despertar seja aprender a estar **mais profundamente dentro da realidade**.

Ver o mundo com mais atenção.

Escutar com mais cuidado.

Amar com mais liberdade.

Sofrer sem precisar fingir que não dói.

Agradecer sem negar aquilo que ainda falta.

Perdoar sem dizer que a ferida não existiu.

Trabalhar sem esquecer por que trabalhamos.

Descansar sem culpa.

Estar com alguém sem precisar transformar o encontro numa utilidade.

Talvez Deus não nos tenha colocado no mundo para escaparmos dele.

Talvez nos tenha dado a possibilidade de participar.

A criação continua.

A vida continua.

O Sopro continua.

E nós estamos dentro dele.

Despertar não é abandonar a vida.

É finalmente **estar presente nela**.

IX. Quando o Eu Deixa de Ser o Centro

Talvez uma das primeiras coisas que aconteçam quando despertamos seja perceber que não somos o centro de tudo.

Isso pode parecer uma perda.

Mas talvez seja uma libertação.

Você não precisa fazer o universo girar à sua volta.

Não precisa ser admirado por todos.

Não precisa vencer todas as discussões.

Não precisa controlar aquilo que os outros pensam.

Não precisa possuir tudo aquilo que ama.

Não precisa garantir o futuro.

Você pode simplesmente existir.

E permitir que os outros existam.

Isso não diminui você.

Pelo contrário.

Quando deixamos de exigir que tudo passe por nós, começamos finalmente a encontrar aquilo que está diante de nós.

A árvore pode ser árvore.

A pessoa pode ser pessoa.

A vida pode ser vida.

Deus pode ser Deus.

E nós podemos ser nós.

Talvez a humildade seja isso:

deixar a realidade ser maior do que o nosso desejo de controlá-la.

E talvez a paz comece quando já não precisamos possuir aquilo que amamos para saber que o amor é real.

X. A Presença Reconhecida

Talvez, depois de tudo isso, possamos voltar àquilo que parecia tão simples no começo.

Deus está aqui.

Mas agora essa frase pode significar alguma coisa diferente.

Não apenas que Deus existe.

Mas que a nossa vida acontece diante Dele.

Cada encontro.

Cada escolha.

Cada perda.

Cada alegria.

Cada dúvida.

Cada tentativa.

Cada recomeço.

Nada disso acontece fora da Presença.

Você não precisa criar um espaço sagrado para Deus.

A sua vida já acontece na Presença.

Você pode criar espaços para perceber melhor.

Pode orar.

Pode silenciar.

Pode contemplar.

Pode entrar numa igreja.

Pode caminhar na natureza.

Pode fechar os olhos.

Pode cantar.

Pode simplesmente respirar.

Mas essas coisas não fazem Deus aparecer.

Elas podem ajudar você a perceber.

Porque talvez a grande distância espiritual nunca tenha sido uma distância entre nós e Deus.

Talvez tenha sido uma distância entre aquilo que Deus é e aquilo que conseguimos reconhecer.

Deus é.

Nós despertamos.

E talvez seja por isso que a jornada não termina quando encontramos uma resposta.

Começa quando a resposta começa a transformar o modo como vivemos.

XI. A Vida Como Resposta

Você recebeu uma vida.

Essa vida já é uma resposta a alguma coisa.

Não sabemos completamente por quê existimos.

Não conhecemos todo o caminho.

Não sabemos tudo o que virá.

Mas podemos responder ao que já recebemos.

Podemos viver.

Podemos amar.

Podemos criar.

Podemos cuidar.

Podemos perdoar.

Podemos aprender.

Podemos permanecer.

Podemos partir.

Podemos começar novamente.

Talvez Deus não esteja esperando que você se torne outra pessoa antes de poder amá-lo.

Talvez o convite seja simplesmente:

torna-te plenamente aquilo que podes ser.

Não outra pessoa.

Você.

A pessoa que recebeu esta vida.

Com esta história.

Este corpo.

Estas limitações.

Estas possibilidades.

Estas relações.

Estas perguntas.

Estas feridas.

Estas esperanças.

Não precisamos ter a vida de outra pessoa para responder a Deus.

Precisamos responder à vida que recebemos.

É aqui que a responsabilidade se torna algo diferente de culpa.

Responsabilidade é a capacidade de dizer:

“Isto me foi confiado. O que farei com isso?”

A sua vida foi confiada a você.

O que fará com ela?

XII. O Despertar Continua

Talvez você esperasse que despertar significasse finalmente chegar a um estado em que tudo faria sentido.

Mas talvez não seja assim.

Talvez o despertar não seja chegar.

Se fosse, depois de despertar não haveria mais nada para descobrir.

E nós continuamos finitos.

Continuamos aprendendo.

Continuamos errando.

Continuamos mudando.

Continuamos precisando dos outros.

Continuamos precisando da verdade.

Continuamos precisando de Deus.

O despertar pode ser menos como chegar ao topo de uma montanha e mais como aprender a caminhar com os olhos abertos.

Hoje vemos alguma coisa.

Amanhã vemos mais.

Hoje compreendemos.

Amanhã percebemos que compreendemos apenas uma parte.

Hoje pensamos que conhecemos alguém.

Amanhã descobrimos uma nova dimensão daquela pessoa.

Hoje pensamos que sabemos amar.

Amanhã a vida nos mostra que ainda temos muito a aprender.

E talvez isso seja bom.

Porque a realidade é inesgotável.

Deus é inesgotável.

O amor é inesgotável.

Nenhuma perspectiva finita pode conter tudo.

Nenhuma vida consegue aprender tudo.

Nenhuma palavra consegue dizer tudo.

Por isso continuamos.

O Sopro continua.

O encontro continua.

A consciência continua.

A vida continua.

E nós continuamos despertando.

XIII. Depois de Ver

Depois de ver, precisamos decidir o que fazer com aquilo que vimos.

Essa talvez seja a parte mais difícil.

Porque reconhecer a verdade cria responsabilidade.

Se percebi que alguém sofre, posso continuar indiferente.

Se percebi que amo, posso continuar fugindo.

Se percebi que errei, posso continuar justificando-me.

Se percebi que Deus está presente, posso continuar vivendo como se estivesse sozinho.

O despertar não termina na percepção.

Ele pede uma resposta.

E talvez seja aqui que tudo aquilo que aprendemos até agora se encontre.

Ser.

Recebemos o Ser.

Tornar-se.

A vida continua se tornando.

Encontrar.

Não nos tornamos sozinhos.

Reconhecer.

Começamos a ver verdadeiramente.

E agora:

Responder.

Aquilo que recebemos pode voltar ao mundo através de nós.

Uma palavra.

Um gesto.

Uma escolha.

Uma vida.

Talvez seja isso que significa participar da criação.

Não criar o universo.

Não criar o Ser.

Mas permitir que alguma coisa boa que ainda não existia daquela maneira passe a existir através da nossa liberdade.

Uma pessoa perdoada pode perdoar.

Uma pessoa amada pode amar.

Uma pessoa que recebeu esperança pode oferecê-la.

Uma pessoa que encontrou verdade pode viver de maneira verdadeira.

Uma pessoa que percebeu Deus pode começar a viver diante de Deus.

O que recebemos não termina em nós.

Passa através de nós.

E talvez seja por isso que estamos aqui.

XIV. Quando Reconhecemos o Amor

Existe, porém, algo que ainda não dissemos completamente.

Porque podemos despertar para a verdade e continuar frios.

Podemos perceber a realidade e ainda assim não saber o que fazer com ela.

Podemos reconhecer o outro e continuar indiferentes.

O despertar precisa tornar-se alguma coisa.

Precisa ganhar uma direção.

E talvez essa direção seja o amor.

Não o amor como sentimento passageiro.

Não o amor como desejo de possuir.

Não o amor como necessidade de ser amado.

Mas o amor que olha para outra pessoa e consegue dizer:

É bom que você exista.

Você não existe para mim.

Você não existe para satisfazer as minhas necessidades.

Não preciso possuir você para reconhecer o seu valor.

Você existe diante de Deus.

E eu posso escolher afirmar a sua existência.

Talvez seja aqui que o despertar começa a ultrapassar o próprio eu.

Porque, quando reconheço verdadeiramente o outro, alguma coisa dentro de mim muda.

Já não estou sozinho no centro.

Existe espaço.

Existe diferença.

Existe liberdade.

Existe outro.

E existe Deus.

Talvez o amor seja a forma mais alta de reconhecimento.

Não apenas:

“Eu vejo você.”

Mas:

“Eu vejo você e escolho que o fato de você existir seja bom para mim, para você e para o mundo que compartilhamos.”

XV. O Convite

Talvez seja aqui que precisemos parar por um instante.

Não porque tenhamos terminado.

Mas porque chegamos a uma porta.

Você existe.

Você se tornou.

Você encontrou outros.

Você viveu um mundo dentro de si.

Você começou a perceber.

E agora pode escolher como olhar.

Pode continuar vivendo apenas a partir de si mesmo.

Ou pode abrir espaço.

Pode continuar tentando possuir.

Ou pode aprender a receber.

Pode continuar exigindo respostas.

Ou pode aprender a escutar.

Pode continuar fugindo da verdade.

Ou pode permitir que a verdade o transforme.

Pode continuar perguntando onde Deus está.

Ou pode começar a perceber que **Deus está aqui**.

Não precisa sentir alguma coisa extraordinária.

Não precisa compreender tudo.

Não precisa tornar-se perfeito.

Talvez precise apenas estar disposto a ver.

A ver a vida.

A ver o outro.

A ver a si mesmo.

A ver a verdade.

A ver a beleza.

E, pouco a pouco,

a ver Deus.

Porque talvez Deus nunca tenha estado escondido.

Talvez nós é que estivéssemos aprendendo a olhar.

E talvez o despertar seja exatamente isso:

a abertura dos olhos de uma criatura diante do Mistério.

Não para possuir o Mistério.

Não para explicá-lo completamente.

Mas para reconhecê-lo.

Para viver diante dele.

Para responder.

Para amar.

E, quando finalmente começamos a ver,

descobrimos algo que estava presente desde o início:

Deus é.

Nós somos.

E a nossa vida pode tornar-se uma resposta.

Parte VI — O Amor

Há coisas que podemos compreender sem ainda saber o que fazer com elas.

Podemos compreender que existimos.

Podemos perceber que a vida é um dom.

Podemos descobrir que tudo está se tornando.

Podemos perceber que não nos tornamos sozinhos.

Podemos olhar para dentro e reconhecer o mundo que carregamos conosco.

Podemos despertar.

Podemos começar a ver.

Mas, depois de ver, existe uma pergunta que permanece.

O que faremos com aquilo que vimos?

Porque reconhecer a realidade não é ainda responder a ela.

Podemos saber que alguém sofre e continuar indiferentes.

Podemos saber que amamos e continuar fugindo.

Podemos perceber que erramos e continuar justificando-nos.

Podemos reconhecer que a vida é um dom e continuar vivendo como se tudo nos fosse devido.

Talvez seja por isso que o despertar não seja o fim do caminho.

Talvez seja o começo da resposta.

E talvez essa resposta tenha um nome muito antigo.

Amor.

I. Quando o Despertar se Torna Resposta

Durante toda esta jornada, alguma coisa foi sendo recebida.

Recebemos a existência.

Recebemos um corpo.

Recebemos um mundo.

Recebemos outras pessoas.

Recebemos palavras.

Recebemos histórias.

Recebemos cuidado.

Recebemos feridas.

Recebemos possibilidades.

Mesmo aquilo que construímos começou, de alguma maneira, com algo que não criamos.

A nossa liberdade foi recebida.

A nossa capacidade de prestar atenção foi recebida.

A nossa capacidade de compreender foi recebida.

A nossa capacidade de amar foi recebida.

Antes de qualquer resposta nossa, alguma coisa já havia sido dada.

Talvez seja isso que significa existir.

Não começar.

Receber.

E talvez seja por isso que a vida nunca seja apenas aquilo que fazemos com o mundo.

É também aquilo que fazemos com aquilo que o mundo nos deu.

Você recebe uma palavra.

Pode esquecê-la.

Pode guardá-la.

Pode transformá-la.

Pode oferecê-la a outra pessoa.

Você recebe amor.

Pode fechá-lo dentro de si.

Ou pode permitir que ele passe através de você.

Você recebe perdão.

Pode considerá-lo apenas uma coisa que aconteceu.

Ou pode aprender a perdoar.

Você recebe conhecimento.

Pode usá-lo para sentir-se superior.

Ou pode ensiná-lo.

Você recebe uma vida.

E um dia perceberá que a pergunta não é apenas:

O que fiz da minha vida?

Talvez exista outra:

O que fiz com aquilo que recebi?

O amor começa quando essa pergunta deixa de ser apenas uma pergunta sobre nós mesmos.

Porque começamos a perceber que aquilo que recebemos pode voltar ao mundo através de nós.

Uma pessoa amada pode amar.

Uma pessoa perdoada pode perdoar.

Uma pessoa que recebeu esperança pode oferecê-la.

Uma pessoa que foi escutada pode aprender a escutar.

Uma pessoa que encontrou verdade pode começar a viver de maneira verdadeira.

O que recebemos não termina necessariamente em nós.

Pode passar através de nós.

E talvez seja esse o primeiro segredo do amor.

Ele não guarda o dom.

Ele o devolve.

II. O Amor que Não Possui

Talvez tenhamos usado a palavra amor tantas vezes que já não saibamos exatamente o que ela significa.

Chamamos de amor aquilo que desejamos.

Chamamos de amor aquilo que precisamos.

Chamamos de amor aquilo que tememos perder.

Chamamos de amor aquilo que queremos manter.

Mas querer alguém não é necessariamente amar alguém.

Precisar de alguém não é necessariamente amar alguém.

Possuir alguém certamente não é.

Podemos querer uma pessoa porque ela nos faz sentir bem.

Podemos querer uma pessoa porque ela preenche uma ausência.

Podemos querer uma pessoa porque temos medo de ficar sozinhos.

Podemos até querer uma pessoa porque acreditamos saber o que é melhor para ela.

Mas o amor começa em outro lugar.

Talvez comece quando conseguimos olhar para alguém e dizer:

É bom que você exista.

Não:

É bom que você exista para mim.

Apenas:

É bom que você exista.

Existe uma diferença enorme entre essas duas frases.

Na primeira, o outro permanece outro.

Na segunda, o outro já foi transformado em função.

O amor verdadeiro não precisa transformar o outro em propriedade para reconhecer o seu valor.

Ele não diz:

Você pertence a mim.

Ele diz:

Eu reconheço você.

Você tem uma vida que não é minha.

Uma interioridade que eu nunca poderei conhecer completamente.

Uma liberdade que eu não tenho o direito de possuir.

Uma história que começou antes de mim.

E um futuro que não me pertence.

Talvez amar seja justamente abrir espaço para que o outro continue sendo outro.

Isso não significa ausência de proximidade.

Significa que proximidade não precisa ser posse.

Não significa ausência de compromisso.

Significa que compromisso não precisa destruir liberdade.

Não significa ausência de limites.

Significa que limites também podem ser uma forma de respeito.

O amor não elimina a diferença.

O amor aprende a habitá-la.

III. É Bom que Você Exista

Talvez esta seja uma das frases mais simples que podemos dizer.

E uma das mais difíceis.

É bom que você exista.

Não porque você seja útil.

Não porque você me faça feliz.

Não porque concorde comigo.

Não porque me ame de volta.

Não porque nunca me decepcione.

Não porque seja perfeito.

É bom que você exista porque você existe.

Isso parece pequeno.

Mas muda o mundo.

Porque, quando olhamos assim para alguém, deixamos de perguntar primeiro:

O que essa pessoa pode fazer por mim?

Começamos a perguntar:

Quem é essa pessoa?

E talvez nem essa pergunta seja suficiente.

Porque nunca conseguiremos conhecer completamente outra perspectiva.

Há sempre alguma coisa que permanece além do nosso alcance.

Uma pessoa é maior do que a imagem que fazemos dela.

Uma vida é maior do que os acontecimentos que conhecemos.

Uma história é maior do que os papéis que conseguimos atribuir.

Talvez reconhecer seja justamente isso.

Não possuir.

Não controlar.

Não reduzir.

Reconhecer.

Você existe.

Eu existo.

O outro existe.

E Deus é.

De repente, o mundo torna-se maior.

As pessoas deixam de ser instrumentos.

A natureza deixa de ser apenas recurso.

A vida deixa de ser apenas uma sequência de acontecimentos.

Tudo passa a possuir uma profundidade que não colocamos sobre as coisas.

Uma profundidade que já estava ali.

Talvez amar seja aprender a perceber essa profundidade.

IV. Amar Deus

Até agora falamos de amor entre aqueles que participam juntos da realidade.

Mas existe uma pergunta que não podemos evitar.

Se a nossa existência é recebida, de quem recebemos?

Se o mundo é um dom, o que significa responder ao próprio Dom?

Se existe uma Presença na qual a nossa vida acontece, o que significa viver diante dela?

Talvez seja aqui que a palavra Deus deixe de ser apenas uma palavra.

Porque podemos falar sobre Deus.

Podemos estudar Deus.

Podemos discutir Deus.

Podemos até construir imagens de Deus.

Mas existe uma diferença entre pensar sobre Deus e viver diante de Deus.

Talvez a oração comece justamente aí.

Não quando encontramos as palavras certas.

Mas quando percebemos:

Tu estás aqui.

Às vezes com gratidão.

Às vezes com medo.

Às vezes com revolta.

Às vezes com dúvidas.

Às vezes sem palavras.

Podemos chegar diante de Deus exatamente como somos.

Cansados.

Confusos.

Feridos.

Felizes.

Gratos.

Incapazes de compreender.

A Presença não depende da qualidade da nossa experiência.

Deus não se aproxima porque conseguimos senti-Lo.

Nem se afasta porque deixamos de senti-Lo.

Nós podemos esquecer.

A Presença permanece.

Talvez amar Deus não seja apenas sentir alguma coisa por Deus.

Talvez seja aprender a receber a própria existência como algo que não criamos.

É olhar para a vida e dizer:

Obrigado.

Não porque tudo tenha sido fácil.

Não porque tudo tenha sido justo.

Não porque compreendamos tudo.

Mas porque reconhecemos que, antes de qualquer resposta nossa, houve um dom.

Nós somos.

E não fomos nós que demos a nós mesmos o Ser.

V. O Retorno do Dom

Talvez agora possamos compreender melhor o que significa amar.

O amor é o retorno do dom.

Recebemos.

Reconhecemos.

Respondemos.

Oferecemos.

E aquilo que oferecemos pode tornar-se novamente um dom para alguém.

A vida respira assim.

Recebe.

Transforma.

Oferece.

Recebe novamente.

Não é uma troca comercial.

Não damos para receber algo equivalente.

Não amamos para sermos pagos.

Não perdoamos para adquirir superioridade.

Não fazemos o bem para obrigar o mundo a nos devolver o bem.

O retorno do dom não é uma dívida.

É uma resposta livre.

Talvez seja por isso que o amor seja inseparável da liberdade.

Ninguém pode ser obrigado a amar.

Podemos obrigar alguém a permanecer.

Podemos obrigar alguém a obedecer.

Podemos produzir medo.

Podemos controlar comportamentos.

Mas não podemos produzir amor pela força.

O amor precisa ser oferecido.

E justamente por isso ele possui valor.

Porque poderia não ser oferecido.

A liberdade torna a resposta significativa.

O dom é recebido.

A liberdade reconhece.

E o amor responde.

Talvez seja isso que significa participar da criação.

Não criar o Ser.

Não criar o universo.

Mas permitir que alguma coisa que ainda não existia daquela maneira passe a existir através da nossa liberdade.

Uma palavra pode existir porque você a disse.

Uma reconciliação pode existir porque você perdoou.

Uma esperança pode existir porque você a ofereceu.

Uma vida pode ser diferente porque você esteve presente.

O amor não cria o Ser.

Mas cria novas formas de participação no Ser.

VI. O Amor sem Condições

Amar incondicionalmente não significa dizer que tudo é bom.

Não significa permanecer onde somos destruídos.

Não significa aceitar a violência.

Não significa abandonar a verdade.

Não significa deixar de dizer não.

O amor pode colocar limites.

Pode afastar-se.

Pode corrigir.

Pode dizer a verdade.

Pode proteger aquilo que precisa ser protegido.

O que torna o amor incondicional não é a ausência de limites.

É a ausência de uma condição para reconhecer o valor do outro.

Você não precisa ser perfeito para que eu reconheça que é bom que você exista.

Eu não preciso concordar com você para reconhecer sua dignidade.

Você não precisa pensar como eu para continuar sendo alguém diante de Deus.

O amor pode rejeitar um ato sem rejeitar o Ser.

Pode dizer:

Isso que você fez não é aceitável.

E, ao mesmo tempo:

Sua existência não deixou de ter valor.

Talvez esta seja uma das formas mais difíceis de amar.

Porque exige distinguir aquilo que alguém fez daquilo que alguém é.

Exige verdade sem crueldade.

Exige liberdade sem indiferença.

Exige proximidade sem posse.

Exige distância quando a distância é necessária.

O amor não simplifica a realidade.

Ele a torna maior.

VII. O Amor e a Liberdade

Se o outro é realmente outro, então o outro é livre.

E se é livre, pode responder de uma maneira que não desejamos.

Pode dizer não.

Pode partir.

Pode não compreender.

Pode não nos amar.

Pode escolher outro caminho.

Isso pode doer.

Mas talvez amar seja também aceitar que a liberdade do outro não existe apenas quando coincide com a nossa vontade.

Dominação é o contrário do amor.

A dominação quer controlar a resposta.

O amor deixa a resposta aberta.

A manipulação tenta decidir o significado antes do encontro.

O amor permite que o significado apareça.

O medo quer fechar o futuro.

O amor deixa espaço para o futuro.

Talvez seja por isso que amar seja uma forma tão profunda de confiança.

Não confiança de que tudo acontecerá como queremos.

Mas confiança de que a existência do outro não precisa ser controlada para possuir valor.

O amor protege a possibilidade de resposta.

E, quando fazemos isso, descobrimos algo estranho:

A liberdade do outro pode transformar a nossa própria liberdade.

Aprendemos a ser livres aprendendo a receber a liberdade de alguém que não somos nós.

Talvez a liberdade mais profunda não seja fazer tudo o que queremos.

Talvez seja tornar-nos capazes de responder ao que recebemos sem precisar possuir aquilo que recebemos.

VIII. O Amor e a Perda

É aqui que o amor encontra uma das suas maiores dores.

A perda.

Quando alguém parte, percebemos que aquela pessoa nunca foi apenas uma presença física.

Era uma voz.

Um rosto.

Uma maneira de olhar.

Uma história.

Uma rotina.

Uma memória.

Uma possibilidade.

Uma parte do mundo como o vivíamos.

A morte é real.

A ausência é real.

A saudade é real.

Não precisamos negar nenhuma dessas coisas para reconhecer outra verdade.

Uma vida não acontece apenas dentro do corpo daquele que vive.

Uma vida também acontece nas relações que transforma.

Alguém pode ter ensinado você a rir.

Pode ter segurado sua mão.

Pode ter acreditado em você.

Pode ter ferido você.

Pode ter perdoado você.

Pode ter amado você.

E depois pode partir.

Mas aquilo que aconteceu entre vocês não pode simplesmente deixar de ter acontecido.

A pessoa tornou-se parte da sua história.

Você tornou-se diferente porque aquela pessoa existiu.

E aquilo que você se tornou pode transformar outras pessoas.

Talvez seja por isso que sentimos saudade.

A saudade reconhece.

Ela diz:

Você esteve aqui.

Você importou.

A sua existência mudou o meu mundo.

A dor da perda não é uma prova de que o amor falhou.

Às vezes é uma das formas pelas quais percebemos que o amor aconteceu.

Porque aquilo que não importou não deixa esse espaço.

IX. Quando Alguém Parte

Há uma tentação, diante da morte, de procurar respostas rápidas.

Queremos saber para onde a pessoa foi.

Queremos saber o que existe depois.

Queremos saber se a veremos novamente.

Talvez essas perguntas sejam humanas demais para serem eliminadas.

Mas talvez precisemos aprender a carregá-las com humildade.

Não sabemos tudo.

A nossa perspectiva é finita.

A nossa compreensão é limitada.

A nossa experiência termina onde começa aquilo que ainda não podemos experimentar.

Mas existe alguma coisa que podemos dizer.

Uma vida não se reduz ao instante em que termina a sua presença física.

Aquilo que alguém recebeu e ofereceu entrou em outras histórias.

Uma palavra permanece.

Um gesto permanece.

Uma criança educada com amor pode um dia educar outra criança com amor.

Uma pessoa perdoada pode um dia perdoar.

Uma verdade recebida pode orientar uma vida.

Uma amizade pode continuar produzindo novas amizades.

Uma música pode continuar sendo ouvida.

Uma ideia pode continuar abrindo caminhos.

O encontro deixa marcas.

A realidade lembra.

Não necessariamente como uma memória armazenada em algum lugar.

Mas através das relações que continuam reorganizando aquilo que vem depois.

A morte pode interromper uma vida.

Não consegue simplesmente apagar o fato de que aquela vida existiu.

E talvez isso seja apenas a primeira camada de uma esperança maior.

X. Nada do que Foi Amor se Perde

Precisamos ter cuidado aqui.

Não sabemos tudo sobre o que acontece depois da morte.

Não sabemos qual forma um possível futuro poderia assumir.

Não sabemos se uma determinada pessoa voltará a manifestar-se.

Não sabemos como.

Não sabemos quando.

E talvez não devamos fingir saber.

Mas não saber não significa que todas as possibilidades sejam iguais.

A realidade que conhecemos é aberta.

O que aconteceu participa daquilo que pode acontecer.

O passado não pode ser repetido exatamente.

Mas pode tornar-se condição para algo novo.

Uma experiência pode gerar uma compreensão.

Uma compreensão pode gerar uma escolha.

Uma escolha pode mudar uma relação.

Uma relação pode mudar uma vida.

Uma vida pode mudar outras vidas.

O retorno torna-se novamente um dom.

E o dom abre outra possibilidade.

Talvez seja assim que o próprio tornar-se funciona.

Nada retorna exatamente como era.

O ritmo retorna diferente.

O mundo que recebe cada amanhecer já mudou.

A pessoa que encontra novamente alguém que ama já não é exatamente a mesma.

O encontro retorna, mas o momento nunca retorna.

Talvez a própria realidade tenha essa forma.

Não repetição.

Continuidade com novidade.

Memória com abertura.

Identidade sem imobilidade.

Por isso podemos dizer algo com esperança, mas sem transformar esperança em certeza:

Talvez aquilo que foi vivido e amado não esteja condenado a permanecer apenas no passado.

Talvez o que foi integrado na história de uma vida possa participar de uma forma futura de existência.

Talvez a morte seja realmente um fim.

Mas talvez seja um fim dentro de uma realidade que ainda não terminou de se tornar.

Não sabemos.

E talvez seja precisamente por isso que precisamos de esperança.

XI. A Reintegração

Talvez agora possamos voltar a uma palavra que apareceu antes.

Reintegração.

A palavra pode parecer estranha.

Mas talvez a ideia seja simples.

Reintegrar não é apagar a diferença.

Não é voltar ao começo.

Não é desfazer aquilo que aconteceu.

Não é retornar a uma unidade anterior como se a diferenciação nunca tivesse existido.

Reintegrar é outra coisa.

É permitir que aquilo que estava separado participe de uma coerência maior.

Uma célula não deixa de ser célula porque pertence a um organismo.

Uma pessoa não deixa de ser pessoa porque pertence a uma comunidade.

Uma memória não deixa de ser memória porque passa a fazer parte de uma nova compreensão.

Uma vida não precisa deixar de ter sido aquela vida para participar de algo que venha depois.

Talvez a Reintegração seja justamente isso:

não retornar ao que éramos,

mas tornar-nos capazes de pertencer a uma forma de realidade que antes não existia.

O que foi vivido permanece como história.

O que foi amado permanece como relação.

O que foi aprendido permanece como possibilidade.

O que foi oferecido pode tornar-se condição para aquilo que ainda não existe.

E talvez, em algum sentido que ainda não conseguimos compreender, aquilo que parece perdido possa ser recebido novamente.

Não necessariamente da mesma maneira.

Não necessariamente na mesma forma.

Não necessariamente como imaginamos.

Mas como parte de uma nova coerência.

Uma nova participação.

Um novo tornar-se.

XII. O Fim que Talvez Não Seja um Fim

Talvez seja difícil para nós imaginar um novo tornar-se porque pensamos o futuro como uma continuação do presente.

Mas o futuro nunca é apenas uma cópia do passado.

O que nasce depois nasce em um mundo que já foi transformado por aquilo que aconteceu antes.

Cada acontecimento muda as condições do que pode vir depois.

Cada relação deixa possibilidades.

Cada vida altera o campo em que outras vidas irão existir.

Assim, mesmo aquilo que terminou pode continuar participando.

Uma estação termina.

Outra começa.

Uma árvore perde as folhas.

A semente desaparece dentro da terra.

Uma criança deixa de ser criança.

Uma pessoa deixa uma casa.

Uma vida termina.

Nem todos esses acontecimentos são iguais.

A morte não deve ser romantizada.

A perda continua sendo perda.

Mas a natureza da realidade nos ensina algo sobre o tornar-se:

O fim de uma forma não é necessariamente o fim de toda possibilidade.

Talvez seja isso que podemos esperar também da existência.

Não porque tenhamos descoberto o mecanismo do depois.

Mas porque sabemos que o Ser é inesgotável.

E se o Ser é inesgotável, talvez a manifestação também permaneça aberta a possibilidades que ainda não conseguimos imaginar.

Talvez a morte não seja a última palavra.

Talvez seja.

Nós não sabemos.

Mas existe uma diferença entre dizer:

“Eu sei que existe uma vida depois da morte”

e dizer:

“Eu não consigo ver razão para acreditar que o mistério da existência termina exatamente onde termina a minha capacidade de percebê-lo.”

A primeira afirmação pode tornar-se dogma.

A segunda permanece esperança.

E talvez a esperança seja uma forma mais honesta de fé.

XIII. Um Novo Sopro

Se a Reintegração é possível, então talvez ela não seja uma chegada definitiva.

Talvez seja outro começo.

Um novo sopro.

Uma nova abertura.

Uma nova possibilidade de participação.

Não sabemos que forma teria.

Não sabemos se seria reconhecível.

Não sabemos se conservaria aquilo que hoje chamamos de identidade da mesma maneira.

Não sabemos.

Mas podemos pensar a partir daquilo que já conhecemos.

Toda nova forma nasce carregando alguma história.

O presente carrega o passado.

O futuro carregará o presente.

Nada começa absolutamente do zero.

Talvez um novo tornar-se seja assim.

Não uma repetição de quem fomos.

Não uma cópia da vida que terminou.

Mas uma nova forma de participação que contém, de algum modo, aquilo que foi recebido e transformado.

Talvez Deus não esteja limitado às formas que já conhecemos.

Talvez a nossa imaginação seja pequena demais para acompanhar a liberdade do Ser.

E talvez seja precisamente por isso que a esperança não precise de uma imagem.

Ela pode simplesmente dizer:

Ainda existe possibilidade.

Ainda existe Deus.

Ainda existe Amor.

Ainda existe o Sopro.

XIV. Esperança

A esperança não é a certeza de que tudo acontecerá como desejamos.

É uma forma de permanecer aberto quando ainda não sabemos.

Esperar não é fechar os olhos para a dor.

É olhar para a dor sem concluir que ela é tudo.

Não sabemos o futuro.

Mas o futuro existe como possibilidade.

Não sabemos o que acontece depois da morte.

Mas a morte não nos autoriza a declarar que conhecemos os limites últimos da manifestação.

Não sabemos como a Reintegração poderia acontecer.

Mas podemos reconhecer que uma nova coerência é compatível com o caráter aberto do tornar-se.

E podemos confiar.

Não em uma fórmula.

Não em uma imagem que inventamos.

Não em uma promessa que pretendemos possuir.

Mas no próprio Deus.

O Deus que não precisa que compreendamos tudo para estar presente.

O Deus que não depende da nossa certeza.

O Deus em quem a nossa vida sempre aconteceu.

Talvez a fé mais profunda seja capaz de dizer:

Eu não sei.

E ainda assim:

Eu confio.

Não porque conheço o caminho.

Mas porque conheço Aquele em cuja Presença o caminho acontece.

E talvez seja isso que significa esperar.

XV. Amar a Vida

Se tudo isso é verdade, existe uma consequência que não podemos esquecer.

A esperança não deve afastar-nos da vida.

Deve tornar a vida mais preciosa.

Se existe possibilidade depois, isso não torna o agora menos importante.

Torna-o mais.

Esta pessoa está aqui.

Este momento está aqui.

Esta oportunidade está aqui.

Este amor está aqui.

Este sofrimento está aqui.

Esta palavra está aqui.

Este mundo está aqui.

Não precisamos abandonar o presente para confiar no futuro.

Precisamos aprender a receber o presente.

Talvez a melhor preparação para qualquer futuro seja amar aquilo que está diante de nós.

Escutar.

Perdoar.

Cuidar.

Criar.

Aprender.

Proteger.

Agradecer.

Dizer a verdade.

Pedir perdão.

Oferecer esperança.

Amar.

Porque talvez o sentido da vida não esteja em descobrir quanto tempo podemos permanecer.

Talvez esteja em descobrir o que podemos devolver enquanto estamos aqui.

Você recebeu uma vida.

Devolva alguma coisa.

Recebeu amor.

Devolva amor.

Recebeu conhecimento.

Devolva conhecimento.

Recebeu cuidado.

Cuide.

Recebeu perdão.

Perdoe.

Recebeu esperança.

Ofereça esperança.

Recebeu o mundo.

Deixe alguma coisa boa no mundo.

E quando chegar o momento em que já não puder oferecer mais palavras,

talvez reste apenas aquilo que sempre esteve no princípio.

O dom.

A resposta.

O amor.

Você recebeu.

Você viveu.

Você se tornou.

Você encontrou.

Você reconheceu.

Você amou.

E então deixou que aquilo que recebeu passasse através de você.

Talvez seja isso que significa viver diante de Deus.

Não possuir a vida.

Recebê-la.

Não possuir o outro.

Reconhecê-lo.

Não possuir o futuro.

Abrir-se a ele.

Não possuir Deus.

Amá-Lo.

E talvez, quando finalmente não soubermos mais o que dizer,

possamos simplesmente permanecer.

Respirar.

Receber.

E confiar.

Porque o Sopro continua.

E o amor,

quando verdadeiramente oferecido,

nunca é apenas aquilo que demos.

Ele se torna parte daquilo que pode vir a ser.

Talvez seja esse o mistério.

Talvez seja essa a esperança.

Talvez seja essa a promessa:

que aquilo que recebemos como dom

possa um dia retornar

não como repetição,

mas como um novo começo.

Um novo encontro.

Uma nova forma de participação.

Um novo tornar-se.

E, no centro de tudo,

Deus.

Não distante.

Não ausente.

Não esperando no fim.

Presente.

Desde o início.

No dom.

No encontro.

Na perda.

Na memória.

Na liberdade.

No amor.

E talvez também

naquilo que ainda não conseguimos ver.

Epílogo — O Espelho Vivo

O livro termina aqui.

Mas talvez a jornada não.

Você chegou até o fim destas páginas.

Talvez tenha encontrado algumas respostas.

Talvez tenha encontrado novas perguntas.

Talvez algumas palavras tenham permanecido com você.

Talvez outras tenham desaparecido assim que foram lidas.

É assim que acontece.

Nenhum livro pode viver inteiramente fora de quem o lê.

Uma ideia entra.

Uma imagem permanece.

Uma pergunta reaparece dias depois.

Uma frase encontra um momento que ainda não existia quando foi escrita.

E, de repente, aquilo que estava em uma página começa a existir em uma vida.

Talvez seja por isso que um livro nunca seja apenas um objeto.

Ele pode tornar-se encontro.

Pode tornar-se memória.

Pode tornar-se companhia.

Pode tornar-se espelho.

O Espelho

Durante toda esta jornada, falamos de um Espelho.

Falamos de Deus.

Falamos de existência.

Falamos do Sopro.

Falamos de encontro.

Falamos do mundo que carregamos dentro de nós.

Falamos de despertar.

Falamos de amor.

Mas talvez o Espelho nunca tenha sido apenas uma imagem.

Talvez o Espelho seja a própria realidade.

Não porque a realidade seja uma superfície que simplesmente reflete aquilo que somos.

Mas porque, através de cada perspectiva, alguma coisa do infinito torna-se visível de um lugar que nenhuma outra perspectiva ocupa.

Você vê daqui.

Eu vejo dali.

Outra pessoa vê de outro lugar.

Nenhum de nós vê tudo.

Mas cada um pode revelar alguma coisa.

É por isso que você importa.

Não apenas pelo que faz.

Não apenas pelo que possui.

Não apenas pelo que deixa para trás.

Você importa porque existe.

Porque há uma maneira pela qual a realidade se torna presente através de você que não poderia existir exatamente da mesma maneira através de outra pessoa.

Você é uma perspectiva.

Um lugar único de participação.

Um modo irrepetível de receber, transformar e devolver o dom.

O Espelho Vivo

Talvez seja isso que significa ser um espelho vivo.

Não refletir passivamente.

Participar.

Você recebe o mundo e o transforma.

Recebe uma palavra e pode devolvê-la como cuidado.

Recebe uma ferida e pode decidir não transmiti-la.

Recebe amor e pode fazê-lo continuar.

Recebe conhecimento e pode compartilhá-lo.

Recebe uma vida e pode oferecer alguma coisa à vida.

O espelho vivo não devolve exatamente aquilo que recebeu.

Ele responde.

É por isso que a existência humana é tão misteriosa.

Nós não somos apenas recipientes.

Somos respostas.

Cada vida responde ao mundo de alguma maneira.

Cada escolha altera alguma coisa.

Cada encontro deixa uma marca.

Cada ato de amor cria uma possibilidade que antes não estava ali.

Você talvez nunca saiba quantas vidas foram diferentes porque você existiu.

Talvez nunca veja todas as consequências de uma palavra.

Talvez nunca descubra o que uma pequena gentileza produziu muitos anos depois.

Isso não significa que nada aconteceu.

Significa apenas que uma vida é maior do que a parte dela que conseguimos enxergar.

O que permanece

Um dia, você também partirá.

Eu também.

Todos aqueles que amamos.

Todos aqueles que conhecemos.

Nenhuma forma finita permanece exatamente como é.

O Sopro muda.

As gerações passam.

As casas mudam.

As cidades mudam.

Os rostos mudam.

O corpo muda.

A vida segue.

E, diante disso, podemos sentir medo.

Podemos sentir tristeza.

Podemos sentir revolta.

Podemos querer segurar aquilo que amamos.

Mas talvez o amor nos ensine outra coisa.

Nem tudo o que amamos precisa permanecer na mesma forma para ter sido real.

Uma infância termina.

E não deixa de ter existido.

Uma amizade muda.

E não deixa de ter sido amizade.

Uma pessoa parte.

E não deixa de ter transformado aqueles que encontrou.

Uma vida termina.

E não deixa de ter participado do mundo.

O que foi não precisa continuar sendo exatamente o que era para continuar pertencendo à realidade.

Talvez seja isso que a memória sabe antes de nós.

Ela não recria o passado.

Ela carrega o passado para dentro de um presente que já não é o mesmo.

O passado torna-se parte de quem somos.

E aquilo que somos torna-se parte daquilo que vem depois.

O Sopro continua.

O que não sabemos

Talvez você tenha chegado até aqui esperando uma resposta sobre o que acontece depois da morte.

Talvez tenha encontrado uma.

Talvez não.

Eu não quero oferecer uma certeza onde existe mistério.

Não sabemos como seria um novo tornar-se.

Não sabemos como uma perspectiva poderia ser reintegrada.

Não sabemos que forma uma existência futura poderia assumir.

Não sabemos.

Mas talvez tenhamos aprendido alguma coisa mais importante.

O desconhecido não é necessariamente vazio.

O fato de não vermos além de um horizonte não significa que nada exista além dele.

Nossa perspectiva é finita.

A realidade não é.

Nossa compreensão termina em algum lugar.

O Ser não termina conosco.

E talvez seja por isso que podemos esperar.

Não porque tenhamos conquistado o futuro.

Mas porque o futuro ainda não foi conquistado por ninguém.

Ele permanece aberto.

E se Deus é Deus,

então talvez o futuro pertença mais à liberdade do Ser do que à nossa capacidade de imaginá-lo.

O Deus que estava aqui

Talvez essa seja a descoberta mais simples de todas.

Deus não estava esperando no fim do caminho.

Estava no princípio.

Estava no dom da existência.

Na possibilidade de perceber.

Na presença de outro ser humano.

Na beleza que nos surpreendeu.

Na verdade que nos corrigiu.

Na dor que nos obrigou a despertar.

Na mão que nos alcançou.

No perdão que não esperávamos.

No amor que recebemos.

Na liberdade com que respondemos.

Talvez tenhamos procurado Deus longe demais.

No alto.

No futuro.

Em algum lugar separado da realidade.

E talvez Deus estivesse mais perto.

Não como mais uma coisa dentro do mundo.

Mas como Aquele em cuja Presença o mundo existe.

Você não precisa sair da realidade para encontrar Deus.

Talvez precise aprender a vê-la.

E talvez precise aprender a vê-la novamente.

E novamente.

Porque nenhum olhar finito esgota o que existe.

Nenhuma experiência esgota o mistério.

Nenhum nome contém Deus.

Nenhuma filosofia termina o caminho.

Nenhuma religião possui o infinito.

Nenhum livro encerra o diálogo.

O Espelho continua.

Depois do livro

Agora você precisa fechar estas páginas.

E talvez seja justamente aqui que o livro começa a ser seu.

Porque aquilo que foi escrito aqui não pode viver apenas aqui.

Se alguma coisa encontrou você, leve-a.

Se uma pergunta permaneceu, carregue-a.

Se uma pessoa veio à sua memória, talvez procure-a.

Se alguém precisa ouvir uma palavra sua, talvez diga-a.

Se existe alguém a quem você precisa perdoar, talvez comece.

Se existe alguém a quem precisa pedir perdão, talvez não espere demais.

Se existe algo que você ama, ame enquanto pode.

Se existe algo que recebeu, procure devolvê-lo.

Não tente viver uma filosofia.

Viva.

Não tente tornar-se perfeito.

Torne-se presente.

Não tente possuir a verdade.

Permita que a verdade o transforme.

Não tente possuir Deus.

Ame.

Não tente controlar o futuro.

Participe dele.

Talvez o sentido de tudo isso seja muito mais simples do que imaginamos.

Você está aqui.

Outra pessoa está aqui.

Deus é.

E existe algo que pode acontecer entre nós.

O Espelho Vivo

Talvez agora possamos olhar novamente para o Espelho.

Mas desta vez,

não procure o seu reflexo.

Procure aquilo que você pode devolver.

O mundo já lhe deu tanto.

Uma vida.

Um corpo.

Um nome.

Uma história.

Pessoas.

Encontros.

Possibilidades.

Tempo.

Talvez também tenha dado feridas.

Talvez tenha dado perdas.

Talvez tenha dado coisas que você nunca pediu.

A vida não escolhe apenas aquilo que gostaríamos de receber.

Mas mesmo dentro de uma vida imperfeita, existe algo que continua sendo possível.

Responder.

Você não escolheu receber a existência.

Mas pode escolher o que fará com ela.

Você não escolheu todas as pessoas que encontraria.

Mas pode escolher como as encontrará.

Você não escolheu tudo o que aconteceu.

Mas pode escolher o que fará com aquilo que aconteceu.

Você não controla o futuro.

Mas pode oferecer alguma coisa ao futuro.

Essa é a liberdade.

Essa é a responsabilidade.

Essa é talvez a beleza.

Você recebeu.

Agora pode responder.

O último segredo

Talvez exista um último segredo escondido em tudo o que dissemos.

O Espelho não está diante de você.

Está em você.

E não apenas em você.

Está entre nós.

Em cada encontro.

Em cada relação.

Em cada perspectiva que reconhece outra.

Em cada vida que recebe e devolve.

Em cada gesto que torna o mundo um pouco diferente.

O Espelho é vivo porque nunca termina de refletir.

Cada nova pessoa revela alguma coisa.

Cada nova geração vê de outro lugar.

Cada novo encontro abre uma possibilidade.

Cada nova pergunta impede que o mistério seja reduzido.

A realidade continua.

O diálogo continua.

O Sopro continua.

E talvez, em algum lugar que ainda não conseguimos ver,

o que hoje chamamos de fim

seja apenas o limite da nossa perspectiva.

Talvez exista mais.

Talvez não na forma que imaginamos.

Talvez não segundo os nossos desejos.

Talvez não como uma repetição daquilo que perdemos.

Mas como uma nova possibilidade.

Uma nova coerência.

Um novo encontro.

Um novo tornar-se.

Não podemos exigir que o mistério nos conte o seu segredo.

Podemos apenas permanecer diante dele.

Com humildade.

Com atenção.

Com esperança.

Com amor.

E agora

Talvez você feche o livro.

A luz continue entrando pela janela.

O mundo continue fazendo seus pequenos ruídos.

Alguém esteja caminhando na rua.

Uma criança esteja nascendo.

Alguém esteja chorando.

Alguém esteja rindo.

Uma árvore esteja crescendo.

Uma pessoa esteja perdoando outra.

Uma pessoa esteja dizendo “eu te amo”.

Outra esteja descobrindo, talvez pela primeira vez, que ainda pode recomeçar.

Nada parou porque o livro terminou.

O Sopro continua.

E você continua.

Por enquanto.

Aqui.

Agora.

Recebendo.

Tornando-se.

Encontrando.

Despertando.

Amando.

Talvez seja suficiente.

Talvez nunca tenha sido necessário possuir todas as respostas.

Talvez bastasse perceber o dom.

E responder.

Então respire.

Antes de fechar o livro,

respire.

Sinta o ar entrando.

Sinta-o saindo.

Você não criou esse movimento.

Você o recebeu.

E agora participa dele.

Assim como participou de tudo o que veio antes.

Assim como participará de tudo o que ainda vier.

Por um instante,

não procure nada.

Não tente compreender.

Não tente alcançar Deus.

Apenas permaneça.

Porque talvez Deus nunca tenha estado longe.

Talvez tenha estado aqui,

no próprio fato de que existe algo,

e de que você pode perceber que existe.

Talvez o mistério não esteja escondido atrás da realidade.

Talvez a realidade seja o lugar onde o mistério se revela.

E talvez você seja uma das formas pelas quais ele continua se revelando.

O Espelho está vivo.

Você está aqui.

Deus é.

O Sopro continua.

E o Amor

ainda pode responder.

God's Mirror

O Espelho de Deus